



Representações das atividades jornalísticas na imprensa caricata rio-grandina

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

82



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



**Representações das
atividades jornalísticas
na imprensa caricata
rio-grandina**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Representações das atividades jornalísticas na imprensa caricata rio-grandina



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Representações das atividades jornalísticas na imprensa caricata rio-grandina
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 82
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/ CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Outubro de 2024

ISBN - 978-65-5306-034-0

CAPA: BISTURI. Rio Grande, 19 fev. 1893.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

A imprensa ilustrada e humorística ganhou relevo em meio ao gosto do leitor brasileiro, mormente a partir da segunda metade dos Oitocentos. As novas tecnologias de impressão, notadamente a arte litográfica, permitiram a colocação de imagens nos periódicos – processo até então bastante dificultoso e caro –, pois possibilitaram uma ampliação das tiragens e uma certa redução de custos, permitindo uma maior difusão do periodismo ilustrado. Em meio a tal jornalismo de abordagem imagética, um dos que maior alcance teve foi aquele vinculado à divulgação da arte caricatural. A partir da associação entre construções discursivas e iconográficas, as publicações caricatas passaram a contar com a predileção do público, ao publicarem textos mais diretos e incisivos, como se estivessem estabelecendo um contato direto com os leitores, dialogando com eles e até estabelecendo uma conversa informal. Além disso, o caráter crítico-opinativo, embasado na ironia, na jocosidade e no sarcasmo foi outro fator que conquistou os consumidores.

Ao longo do território brasileiro, nas suas principais localidades, a imprensa caricata encontrou espaço de propagação, como foi o caso da mais meridional unidade administrativa do país, o Rio Grande do Sul, em cujas três principais comunidades houve a presença do periodismo caricato. Uma dessas urbes foi a cidade do Rio Grande, o grande empório comercial sul-rio-grandense, que, por meio de seu porto

marítimo, tornou-se verdadeira porta sulina, por onde entravam e saíam não só produtos, mas também pessoas, jornais, livros e companhias artísticas. A partir dos progressos econômicos, a comuna portuária obteve igualmente avanços demográficos, vindo a constituir um campo também propício ao desenvolvimento cultural, no seio do qual houve a presença de uma imprensa bastante qualificada. Em tal contexto, o jornalismo caricato teve destaque no conjunto da imprensa rio-grandina.

Durante as três décadas finais do século XIX, a imprensa caricata constituiu um dos gêneros jornalísticos que passou por significativo desenvolvimento na cidade do Rio Grande, surgindo, nessa época, alguns dos mais organizados e duradouros representantes da pequena imprensa rio-grandina. Através de suas mensagens visuais carregadas de sarcasmo e de teor marcadamente irônico e de seus textos de caráter opinativo e crítico, os jornais caricatos refletiram o *modus vivendi* da sociedade e as transformações pelas quais ela passava, não só no âmbito local, como no regional e no nacional, durante o transcorrer desse agitado período.

A incorporação da imagem ao jornalismo trouxe consigo um considerável fator de popularização dos jornais caricatos, podendo atingir até as populações pouco letradas e mesmo os analfabetos¹. Além disso, rápidos traços sobre o papel, muitas vezes, contribuíam para expressar uma opinião de forma mais objetiva do

¹ MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 120-121.

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

que através de um longo texto². Através dessas imagens pejadas de ironia e simbolismo, associadas e/ou complementadas por escritos da mesma natureza, as publicações caricatas tiveram na prática de um humor direto e incisivo³ um dos elementos essenciais que marcou o seu norte editorial.

Dessa maneira, foi nessa imprensa que o desenho de humor envolveu mais o seu consumidor e forjou seus horizontes históricos, uma vez que os meios impressos adquiriam para a caricatura um conteúdo próprio,

² Conforme.: BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Ed. Presença, 1960. p. 39.; SANTOS, Délio Freire. Primórdios da imprensa caricata paulista. In: *O Cabrião* (Edição fac-similar). São Paulo: MESP, DAESP, 1982. p.9.; e FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 609.

³ Segundo Athos Damasceno, o estilo de humor praticado no Brasil é uma herança da cultura portuguesa, afirmando: “A graça que os portugueses nos legaram, foi a graça portuguesa, isto é, a chalaça gorda, o dito brutal, a galhofa rotunda, a clássica *brincadeira de mau gosto*. Não se poderia exigir daquela gente a *finesse* do francês esfuziante, o humor do inglês fleumático, o espírito explosivo do espanhol ardente, a vivacidade do italiano gesticuloso, o cômico sem comicidade do alemão formalista e ingênuo, a malícia ferina e escondida de certas raças atropeladas, como os judeus, por exemplo. O português sempre gostou (...) do espírito encorpado. E com ele é que ri. (...) O português ri com o corpo inteiro, sacode-se todo, desmonta-se. Veio-lhe esse jeitão destemperado de entregar-se às gargalhadas estrepitosas, da sua própria natureza sanguínea, venturosa e solta. Ação e reação se equivalem. Brota uma da outra, sem peias nem freios”. FERREIRA, Athos Damasceno. *Jornais críticos e humorísticos de Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1944. p. 18.

natural e obviamente original⁴. Assim, repetindo um fenômeno brasileiro e sul-rio-grandense, na cidade do Rio Grande, ao lado da imprensa diária, cujos representantes em geral buscavam pautar sua conduta na seriedade, apareceu uma série de jornais caricatos que, por meio do humor, da ironia e da crítica, conferiram um colorido mais vivo e um ritmo mais alegre⁵ à conjuntura da imprensa rio-grandina.

Nas páginas da imprensa caricata rio-grandina desenvolveram-se temáticas amplamente variadas, mantendo-se um filão especial na realização da crítica, especialmente a política, a social e a de costumes. Ao lado delas, os periódicos exerceram também uma função moralizadora, colocando-se na posição de apontar, comentar e julgar aquilo que consideravam como mazelas da sociedade, propondo-se em geral a combatê-las e até erradicá-las. Levando em conta tal comportamento, as próprias atividades jornalísticas estiveram sob a mira da arte caricatural, criando apreciações levadas a efeito por meio de representações específicas, normalmente relacionadas aos jornais em si, aos jornalistas e ao conjunto de ações que envolviam a elaboração de um periódico.

Durante os Oitocentos, a mensagem jornalística experimentou mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as suas formas de expressão, mas, sobretudo, em função das alterações culturais com que se defrontou e das

⁴ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica; história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1990. v.1. p. 129.

⁵ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13.

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

adaptações por que passou a instituição jornalística em cada universo geocultural⁶. Apesar das diferenças na disseminação das atividades ligadas ao jornalismo através das diversas regiões onde a imprensa se fez presente, ela ajudou a dar forma aos eventos que registrava, constituindo uma força ativa na história ainda mais nos momentos em que a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública⁷. No Brasil, desde a sua gênese como Estado Nacional, o jornalismo desempenhou uma importante função não só na divulgação/informação dos fatos, como também na discussão/opinião sobre os mesmos, atuando decisivamente ao longo das várias transformações político-institucionais pelas quais o país passou.

O significado da imprensa passou a ser tão fundamental que alguns autores chegaram a compará-la a um “quarto poder” nos Estados. No caso brasileiro, a exemplo da maioria dos locais onde se desenvolveu, ao atuar na orientação, formação e/ou manipulação da opinião pública, o jornalismo, ao longo de suas diversas etapas de evolução, transformou-se em verdadeiro elemento constitutivo da sociedade, refletindo-se, através das páginas dos jornais, os diferentes momentos históricos do país, bem como influenciou direta/indiretamente em cada um deles. Dessa maneira, a imprensa tornou-se um fator essencial na formação brasileira, nos seus mais diversos fundamentos, como no

⁶ MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 32.

⁷ DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel. *Revolução impressa (1775-1800)*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 15.

caso do político-ideológico, do socioeconômico e do cultural.

Como meio de comunicação mais eficaz na difusão de informações e opiniões, ao longo do século XIX, a imprensa escrita teve um papel significativo na formação dos hábitos, dos gostos, das atitudes, dos desejos e, enfim da opinião pública⁸, de modo a constituir um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social, vindo a atuar como agente da história e permitir captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais⁹. Ao observar o cômputo geral da vida em sociedade, os periódicos caricatos não deixaram de lançar seu olhar crítico também sobre a própria imprensa. Tal gênero jornalístico trazia consigo a perspectiva pela qual o humor traz em si um prisma de dualidade, uma vez que, nem tudo que é ridículo é sério, mas quase tudo que é sério tem seu lado ridículo¹⁰. Levando em conta o fundamento joco-sério, a seiva da imprensa caricata, o humor, pode ser divertido e sério ao mesmo tempo, por constituir uma qualidade vital da condição humana. Nesse quadro, o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas, oferecendo um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados

⁸ BESSA, Pedro Parafita. Uma análise do conteúdo dos jornais. *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: v. 149, jul. 1952. p. 23.

⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, EDUSP, 1988. p. 21.

¹⁰ BAHIA, 1990. p. 129.

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

pela cultura¹¹. Ao privilegiar o humor, a caricatura tornou-se o resultado de uma batalha entre os sentimentos e os pensamentos, sendo, às vezes a única forma de lidar com o turbilhão da vida¹². De acordo com tal perspectiva, o objetivo deste livro é abordar várias das representações que a imprensa caricata rio-grandina desenvolveu iconograficamente acerca do próprio jornalismo.

¹¹ DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

¹² SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 9.

SUMÁRIO

O Diabrete / 19

Maruí / 37

Bisturi / 61

O Diabrete

Um dos mais relevantes representantes da imprensa caricata rio-grandina foi *O Diabrete*, que circulou entre 1875 e 1881¹³. Pretendia “timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a legenda *Lectore dilectanti pariterque monendo*”, que viria a lhe servir de “norma em suas árduas pugnas”. Considerava que, ao passo que todos buscavam livrar-se “da tentação do demônio”, viria a constituir um “árduo trabalho” apresentar aquele “diabrete”, de modo que solicitava ao leitor que “não só se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispensasse a valiosa e nunca assaz louvada proteção” (O DIABRETE, 4 jul. 1875). De acordo com a proposta moralizadora, destacava que “a pena do jornalista, como a espada da justiça, deve estar sempre prestes, para, sem distinção, castigar os culpados ou defender as vítimas destes” (O DIABRETE, 7 nov. 1875). A partir de tais premissas, as críticas do periódico também se direcionaram à própria imprensa.

Em uma das primeiras incursões de *O Diabrete* ao criticar o jornalismo, ele mostrava o bobo da corte – representação da arte caricatural e do próprio periódico

¹³ Sobre *O Diabrete*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 160-168; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-194.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

- observando ao longe o surgimento de outra folha humorística, no caso a porto-alegrense *O Fígaro*, bem como apresentava indivíduos que ingressavam nas lides jornalísticas, ao subirem em uma máquina tipográfica, para, em seguida, desentenderem-se, passando a duelar por meio da esgrima, em alusão às disputas ocorridas no meio do periodismo (*O DIABRETE*, 20 out. 1878). Referindo-se a diversas atividades profissionais na cidade do Rio Grande, o semanário comentava a respeito de um tema extremamente recorrente na cidade mercantil, sobre o fechamento das casas comerciais nos domingos, ao apresentar os taverneiros, contrários a tal medida, os quais se encontravam lendo a notícia em um jornal, vindo a prever o hebdomadário, com certo exagero, as consequências que de tal determinação poderiam advir (*O DIABRETE*, 4 jan. 1879). Uma outra caricatura trazia o líder liberal Gaspar Silveira Martins realizando a leitura da *Reforma*, folha vinculada a tal grei partidária, refletindo sobre as dúvidas lançadas acerca do ministério liberal (*O DIABRETE*, 26 jan. 1879).

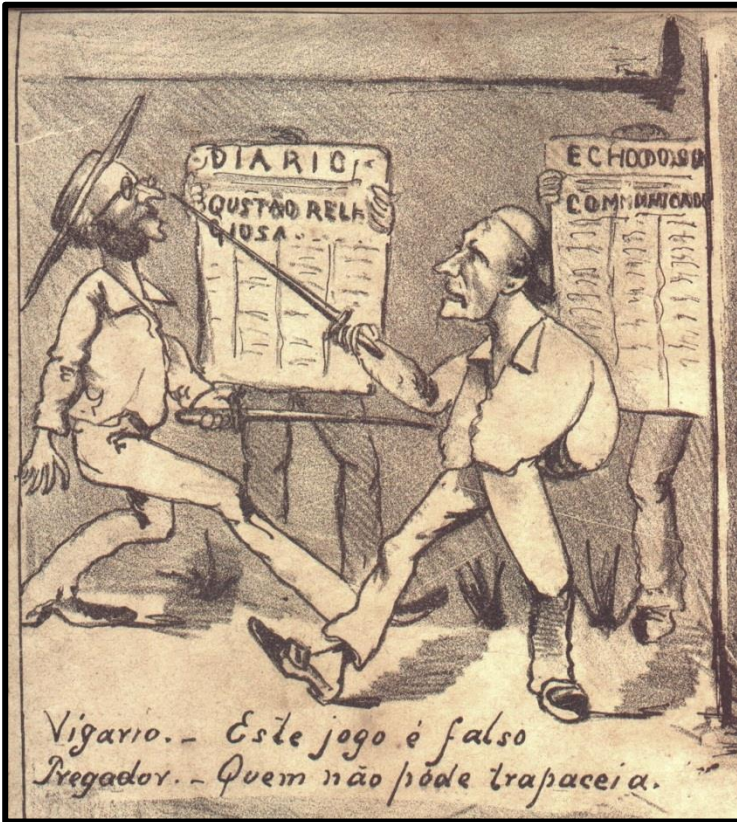


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

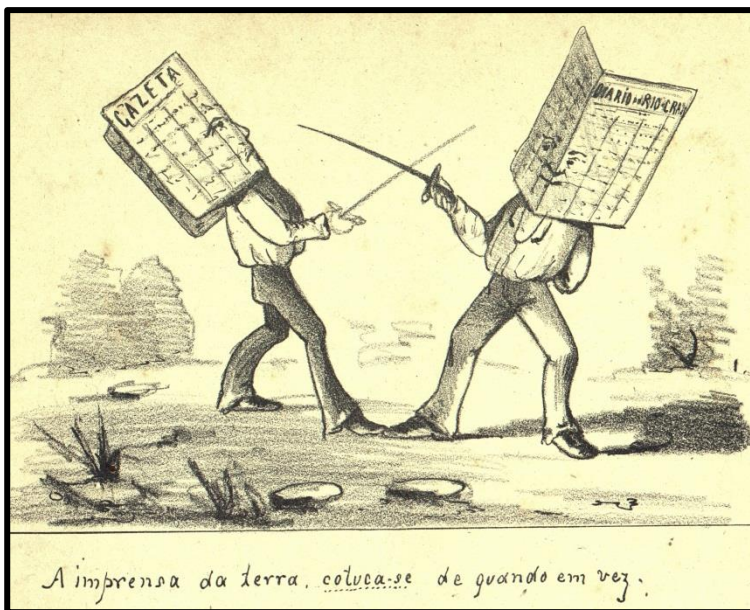


As disputas políticas e religiosas também foram expressas por *O Diabrete*, ao trazer um padre e um pastor a passarem do debate por meio dos jornais, no caso o

Diário do Rio Grande e o *Eco do Sul*, para, figurativa/literalmente, resolverem sua contenda por meio de uma luta com espadas (O DIABRETE, 27 abr. 1879). Também esgrimiam entre si a *Gazeta Mercantil* e o *Diário do Rio Grande*, representados por figuras com corpos humanos e cabeças no formato de periódicos, de modo que, com humor, o semanário caricato se referia à “imprensa da terra”, que por vezes se cutucava (O DIABRETE, 19 out. 1879).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



Mais uma vez dando corpo a um jornal, o hebdomadário abordava uma temática bastante abordada no período, referente a levar-se uma via férrea à cidade do Rio Grande, de modo que aquele periódico estaria a confirmar peremptoriamente a chegada de tal melhoria (O DIABRETE, 16 nov. 1879). A gênese de outra folha caricata na cidade do Rio Grande, o *Maruí*, que viria a concorrer e rivalizar com *O Diabrete*, foi noticiada por este, na forma do bobo da corte, mostrando um personagem com ferrão no lugar do nariz, o qual acabava por não ter grande sucesso em sua empreitada editorial (O DIABRETE, 11 jan. 1880). O olhar crítico também se direcionava para outra publicação da cidade, a *Gazeta Mercantil*, apontando que a mesma lançava mão do jornalismo de cola e tesoura,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ou seja, aquele que se limitava a transcrever outros jornais, assim como se utilizar de um pau de dois bicos, em referência aos atos de realizar um jogo duplo, trair, camuflar ou dissimular (O DIABRETE, 29 fev. 1880).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

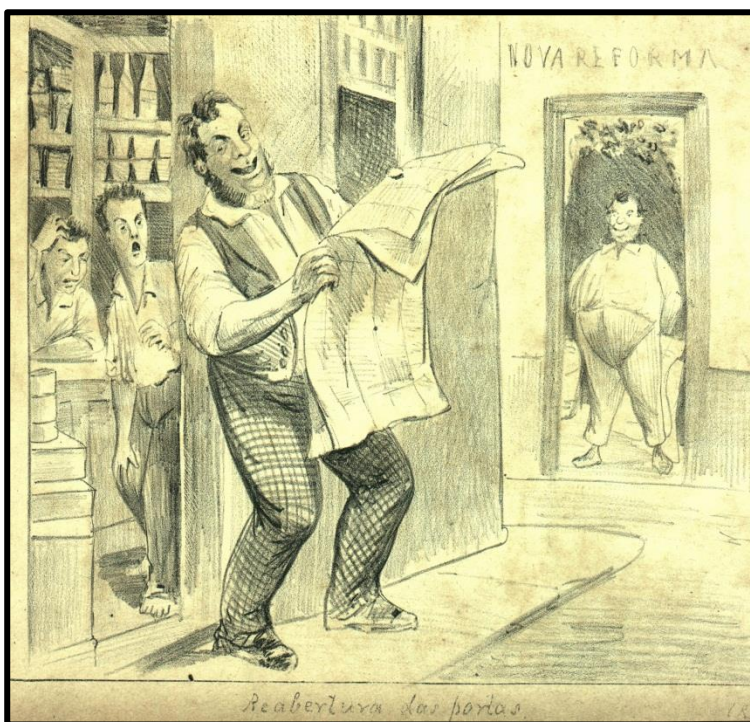


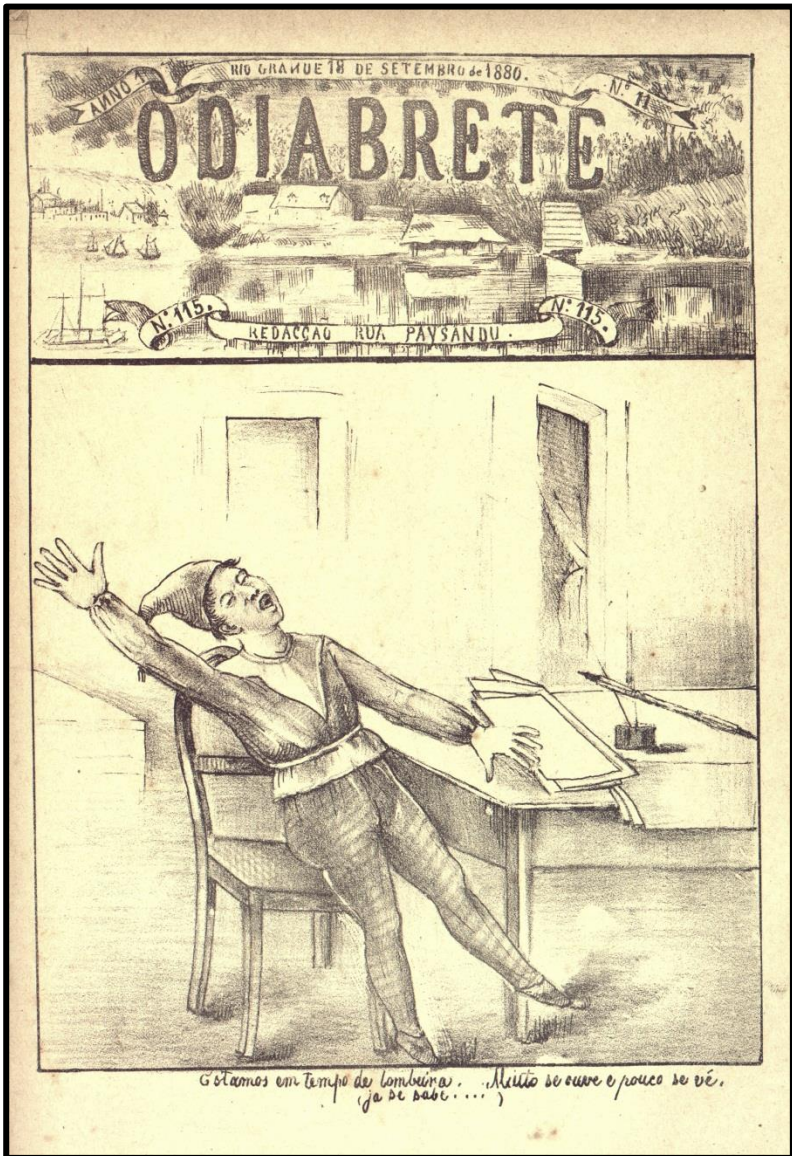


Retomando o tema da abertura do comércio aos domingos, o caricato rio-grandino mostrava a felicidade do dono da loja ao ler tal notícia junto à imprensa, bem como de outro, sorridente na porta de seu estabelecimento, em contraponto com o desgosto e espanto dos empregados (O DIABRETE, 7 mar. 1880). Em época da passagem do inverno à primavera, o bobo da corte, fazendo o papel de redator, em sua escrivanhinha de trabalho, mas se encontrava entregue à

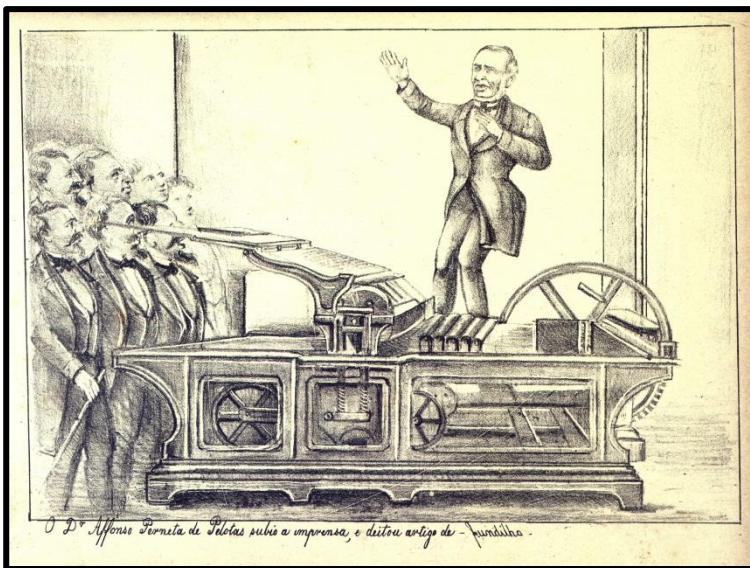
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

preguiça, por ser um momento que muito se ouvia e pouco se via (O DIABRETE, 18 set. 1880). Sobre a participação de políticos na imprensa, o semanário trazia um indivíduo que subia em uma máquina tipográfica para discursar, só que, ao invés de fazer um “artigo de fundo”, como também se denominava o editorial, ele estaria a fazer um “de fundilho”, em plena desqualificação de sua fala (O DIABRETE, 17 out. 1880).



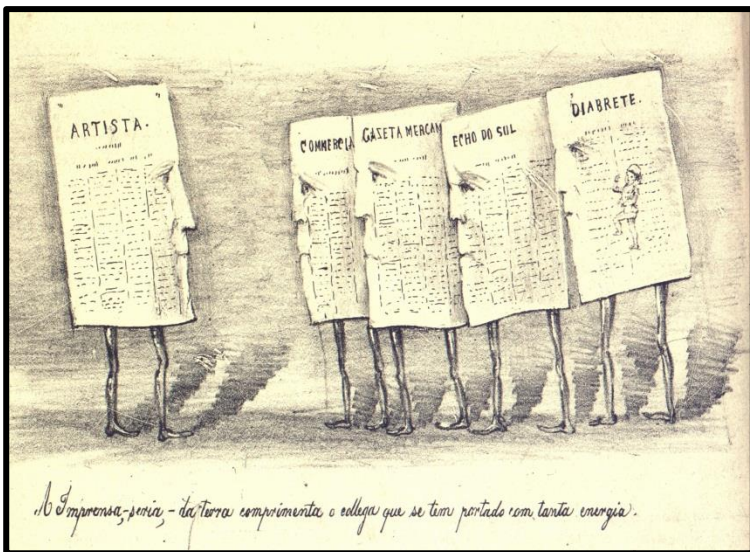


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



Figurativamente os jornais ganhavam vida mais uma vez nas páginas do semanário, obtendo pernas para poderem se locomover, em um quadro pelo qual o *Comercial*, a *Gazeta Mercantil*, o *Eco do Sul* e o próprio *Diabrete*, cumprimentavam o *Artista*, por estar se portando “com tanta energia”. O tom jocoso ficava expresso na perspectiva de que o humorístico considerava estar alocado entre os membros da dita “imprensa séria” citadina (O DIABRETE, 24 out. 1880). Mas o elogio não duraria muito, ao mostrar os redatores do *Artista* e do *Diário do Rio Grande* a se enfrentarem por meio de grandes línguas, em alusão aos despautérios que estariam cometendo, chamando os “colegas” de “ratões de força” (O DIABRETE, 7 nov. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



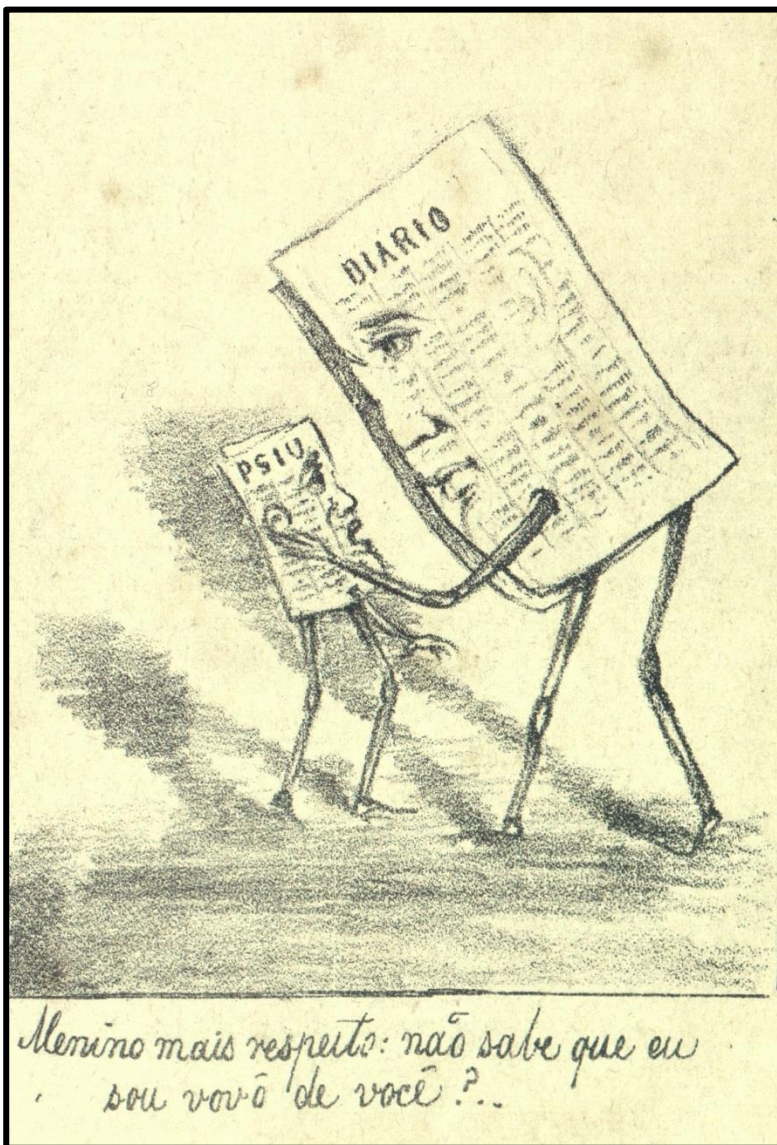
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

Representar os desentendimentos entre jornais opositores, que debatiam entre si como se fosse a discussão entre duas mulheres negras, possivelmente escravas, apesar do caráter racista, foi um hábito utilizado recorrentemente pela caricatura. Foi o caso da reconciliação entre o *Diário do Rio Grande* e o *Artista* (O DIABRETE, 28 nov. 1880). A mesma situação ocorria nos debates entre as publicações da cidade vizinha de Pelotas, *A Discussão* e o *Diário de Pelotas*, prevendo a folha rio-grandina que ambos não tardariam “a entrar para o mercado”, em referência às quitandeiras negras (O DIABRETE, 8 fev. 1881), vindo elas posteriormente a se reconciliarem (O DIABRETE, 20 fev. 1881). As diferenças entre o jornalismo diário, normalmente mais estável e organizado, e a pequena imprensa, comumente artesanal e com dificuldades de sobrevivência, foram mostradas por *O Diabrete*, ao apresentar o diálogo entre o *Diário* e o *Psiu*, sendo exigido respeito de parte do primeiro, por ser avô do outro, ou seja, mais longo e perene (O DIABRETE, 27 mar. 1881).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

Na virada dos anos 1870 para os 1880, *O Diabrete* abalou a sociedade rio-grandina, com suas preferências pela crítica política, sem deixar de lado a crítica social e a de costumes e as práticas moralizantes. Com significativa qualidade gráfica, praticou o jornalismo crítico-opinativo, a partir de edificações textuais e imagéticas, realizando denúncias contra aquilo que considerava com males que afligiam a sociedade. Ainda no primeiro quadrimestre de 1881, achando-se bastante enfermo o seu proprietário, o semanário pedia desculpas por qualquer falta que pudesse ocorrer. Pouco depois o responsável pela folha viria a falecer e, dentro do seu esquife viria também a partir, rumo ao descanso eterno, o demoníaco *O Diabrete*, em um quadro pelo qual não foram lá muito chorados, nem o jornal nem o jornalista¹⁴. A partir de seus procedimentos cáusticos, nem mesmo a imprensa escapou ao olhar criticador do hebdomadário, que criou várias representações para efetuar suas censuras sobre o jornalismo.

¹⁴ FERREIRA, 1962. p. 167-168.

Maruí

Na cidade do Rio Grande, entre 1880 e 1882, foi editado outro periódico ilustrado-humorístico denominado *Maruí*. Seu título se originou de uma espécie de mosquito, denominado maruim ou maruí, o qual habita em zonas pantanosas, de modo que a folha pretendia agir em analogia com o inseto, ou seja, trazendo vários incômodos, como picar, irritar, produzir ardor ou comichão e assim o foi, pois sua circulação trouxe agitação à localidade portuária¹⁵. Em relação aos leitores buscava fazer com que seus risos brotassem, prometendo que, se isso acontecesse, não mais deixaria a cidade. Dizia ainda que seria “alegre como as crianças, franco, honesto e folgazão”, visando a contar “pilherias a mil” (MARUÍ, 4 jan. 1880). Além das críticas política, social e de costumes, também desenvolveu a prática moralizadora, declarando que não poderia “ficar indiferente” frente às mazelas da sociedade (MARUÍ, 24 out. 1880), princípio a partir do qual nem mesmo o jornalismo ficou de fora de sua meta censória.

Sem medir consequências, desde os seus primeiros números, o *Maruí* se opôs ao *Diabrete*, em um misto de enfrentamento discursivo e iconográfico e disputa por um lugar no mercado editorial das folhas ilustradas no contexto rio-grandino. Foi assim, que considerou e desenhou o colega de imprensa como um

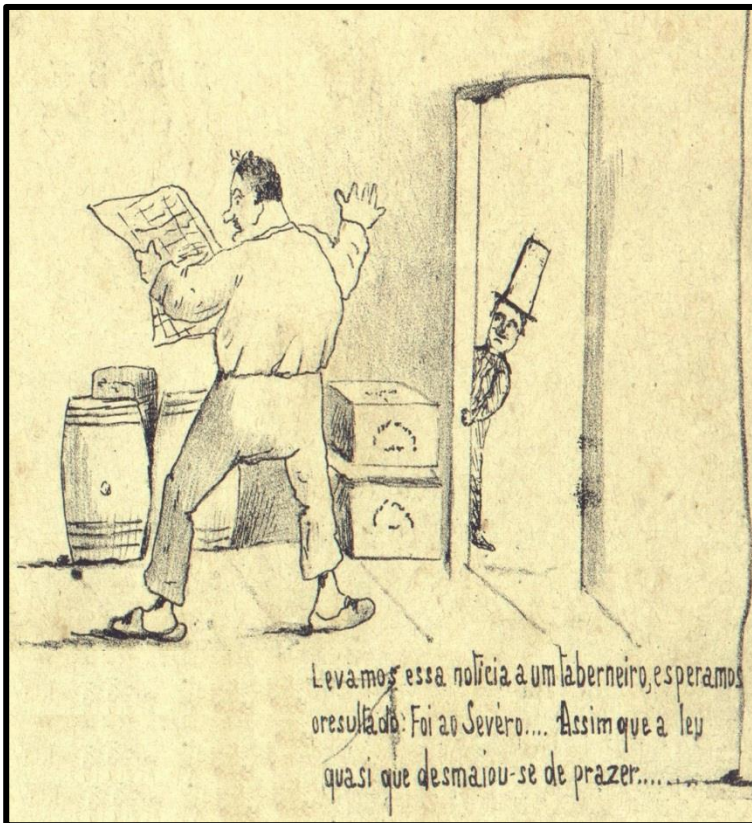
¹⁵ A respeito do *Maruí*, observar: FERREIRA, 1962. p. 168-183; e ALVES, 2019. p. 194-217.

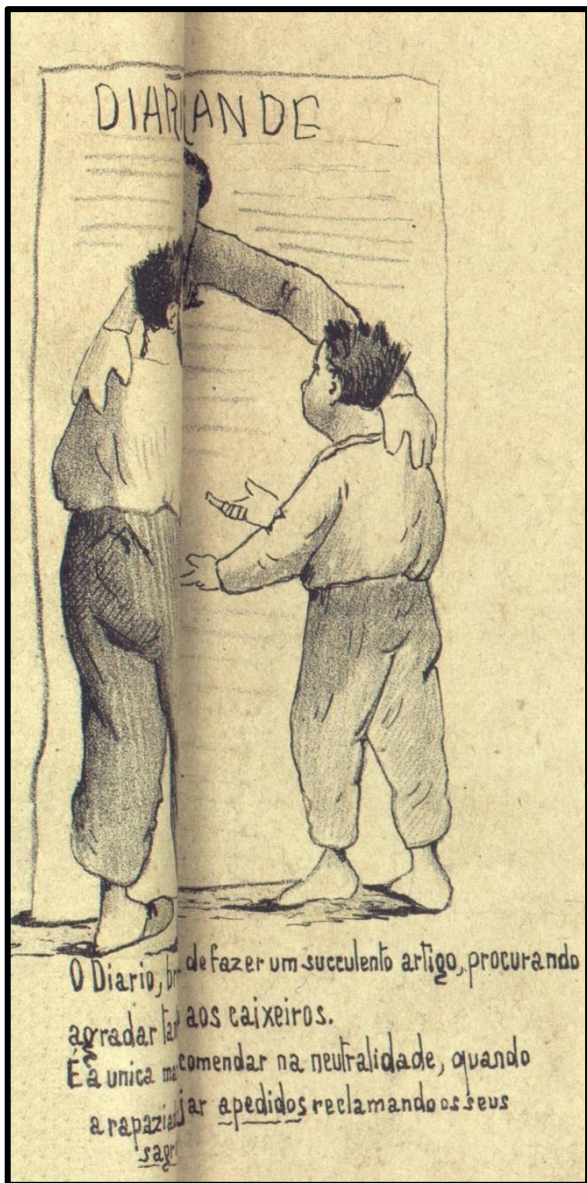
“asno caricato”, tentando desqualificar o conteúdo da outra publicação humorística, com toda a conotação negativa que tem tal termo, seja associado à falta de inteligência, seja pela realização de disparates (MARUÍ, 25 jan. 1880). Jornalistas das cidades do Rio Grande e de Porto Alegre apareciam travestidos de cozinheiros que, junto a uma mulher que designava o poder, mexiam em um caldeirão, prontos a realizar uma refeição que equivaleria à eleição para o Senado, em clara alusão às campanhas eleitorais movidas por meio do jornalismo (MARUÍ, 23 fev. 1880). Um bobo da corte estilizado, que representava o próprio periódico, punha-se a ler o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, a respeito de matéria que falava sobre o fechamento das portas do comércio aos domingos, imaginando que tal medida teria consequências no Rio Grande, vindo a levar a informação a um taberneiro, que teria ficado estupefato com tal possibilidade. Ainda a respeito do mesmo tema, o *Maruí* dizia que o *Diário do Rio Grande* teria feito um suculento artigo, voltado essencialmente a agradar aos caixeiros, ou seja, os empregados do comércio. Acerca da ação virulenta de um jornalista, o semanário rio-grandino estranhava as atitudes do colega, que parecia estar “sempre à espera de cacete ou de tamanco” (MARUÍ, 2 mar. 1880). Os jornais de oposição, com seus redatores vestidos como crianças, apareciam como garotos chorosos, vendo como infrutíferas suas tentativas de derrubar o governo provincial, representado como um brinquedo que nunca cai (MARUÍ, 9 mar. 1880).

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

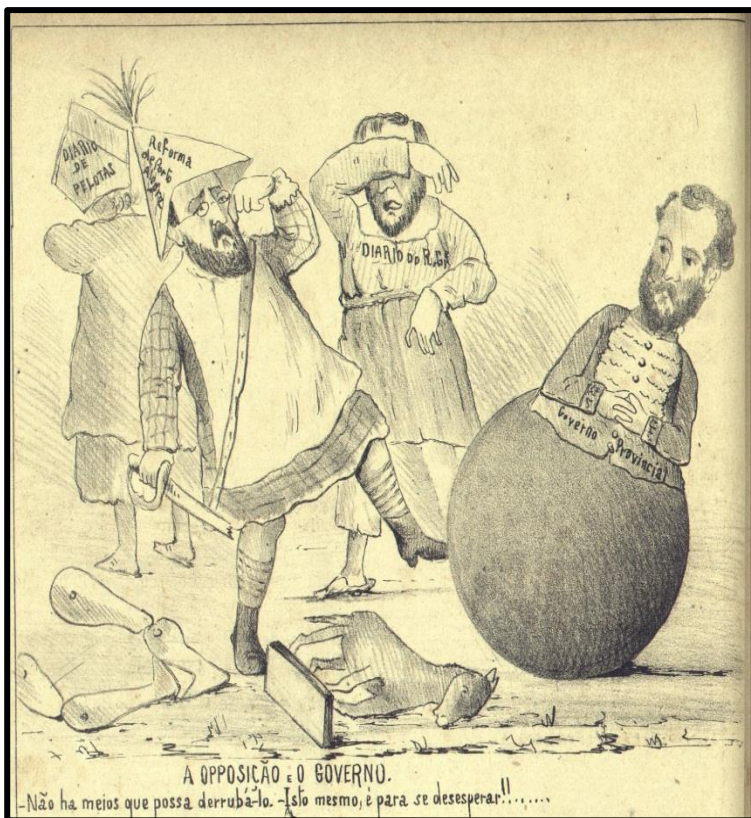




REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



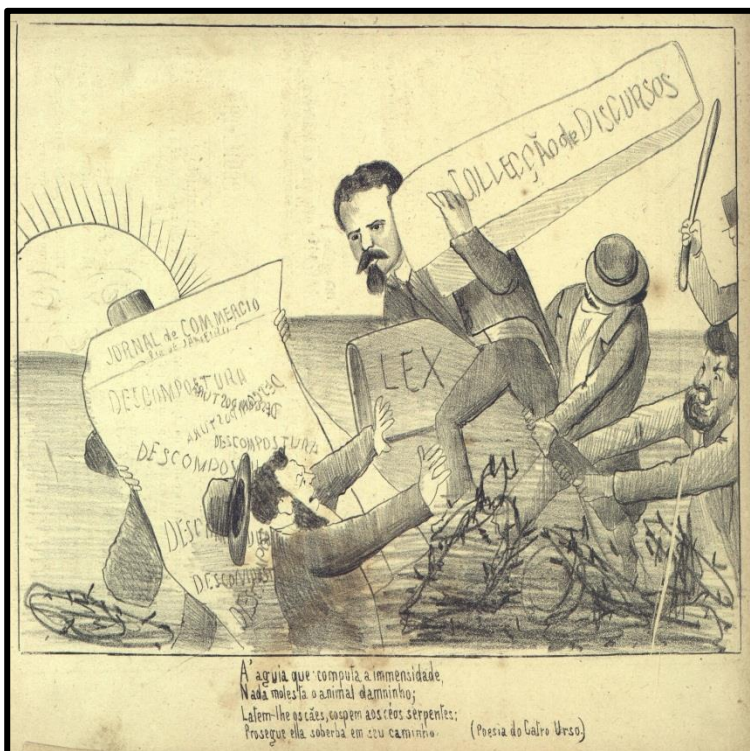
O Dias, do Correio, é sujeitinho que está sempre
a espera, de cacete ou de tamanco.
Parece, sêr baseado na capoeiragem?



Em outra composição iconográfica, o *Maruí* ia ao encontro de escritos do *Jornal do Comércio* apontando para a corrupção e os desmandos praticados no país pelos homens públicos (MARUÍ, 20 jun. 1880). No escritório da redação, o bobo da corte tinha à sua volta vários dos diários do Rio Grande e de Pelotas, enquanto observava a folha ilustrada pelotense *Cabרון*, lamentando, em tom irônico, a crise que levou ao desaparecimento do outro semanário caricato (MARUÍ, 8

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

ago. 1880). Os confrontos entre os diários rio-grandinos eram considerados como de baixo nível, tanto que chegaram a ser representados por bodes, levando em conta as conotações negativas em torno desse animal, que se enfrentavam por meio de chifradas, sobre uma ponte, havendo a possibilidade de queda de qualquer um deles (MARUÍ, 5 set. 1880).



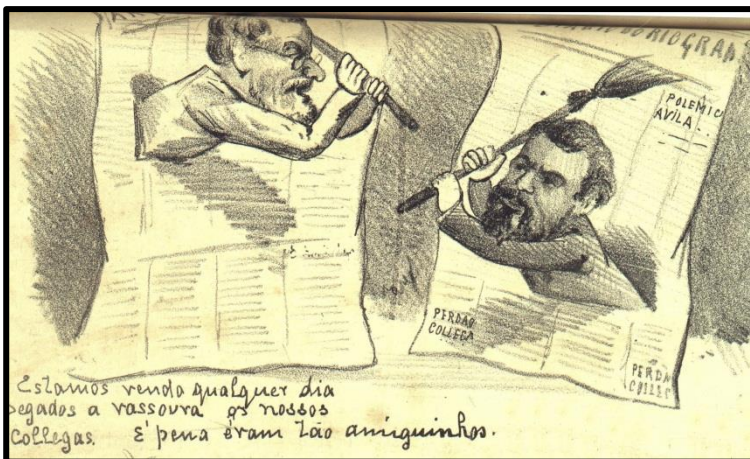
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



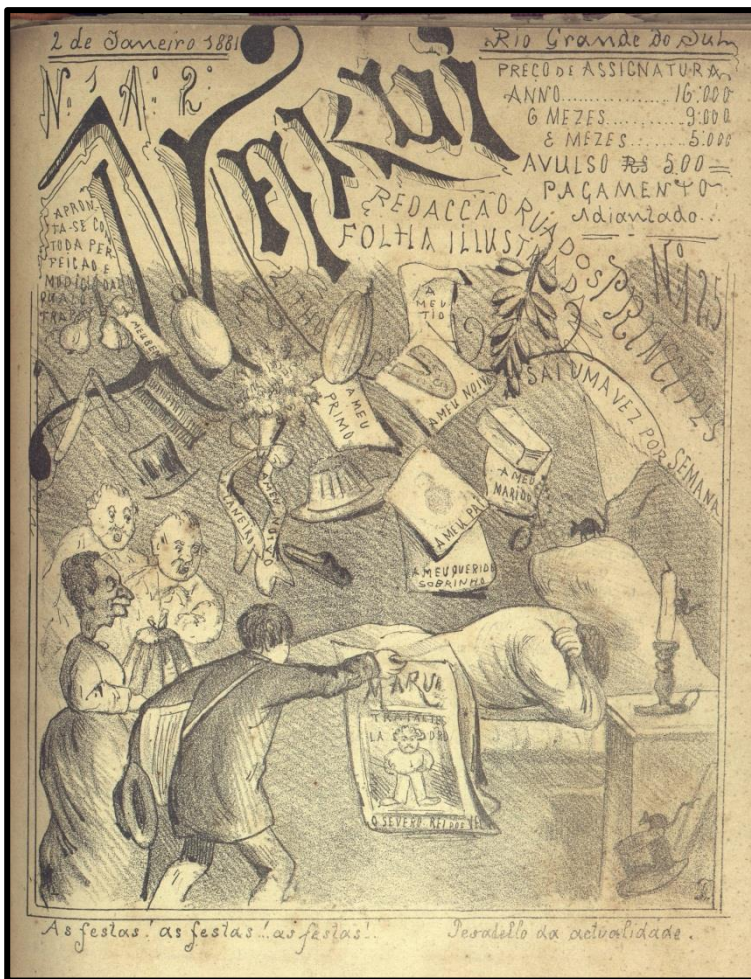
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



Houve outro enfrentamento entre jornais, no caso o *Artista* e o *Eco do Sul*, que se engalfinhavam utilizando-se de vassouras como armas. Tendo em vista que ambas as folhas chegaram a defender, no passado, as mesmas cores partidárias, o hebdomadário caricato fingia lamentar, dizendo que aquilo seria uma “pena”, pois “eram tão amiguinhos”. Na mesma oportunidade o bobo da corte, em trajes modernos, se admirava com uma revelação do *Diário do Rio Grande*, quanto à biografia de um músico, por supostamente ele ter trabalhado na construção de uma estrada férrea, apontando com ironia o erro cometido pelo colega (MARUÍ, 7 nov. 1880). Em relação às comemorações da virada de ano, o público esbravejava por notícias sobre as “festas”, enquanto o redator buscava permanecer descansando naquele período de feriados (MARUÍ, 2 jan. 1881).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



Em mais uma construção imagética, reproduzida de folha humorística carioca, a imprensa assumia as formas de uma mulher que, com o leite da verdade, amamentava um bebê identificado com o povo, com o intento de demonstrar o papel social do jornalismo no

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

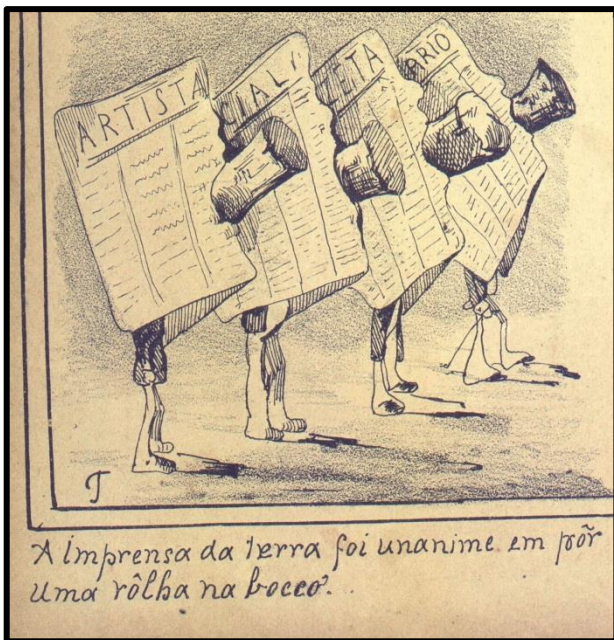
sentido de esclarecer e ilustrar seus leitores. A figura feminina era interpelada com veemência por um indivíduo, que a considerava como uma “descarada imoral”, por estar amamentando aquele “fedelho”; ao que ela respondia que o homem se tratava de um “hipócrita”, que preferia a morte “do inocente à míngua”, especificando que ele estaria “enganado”, pois ela estava ali “para o socorrer” (MARUÍ, 9 jan. 1881).



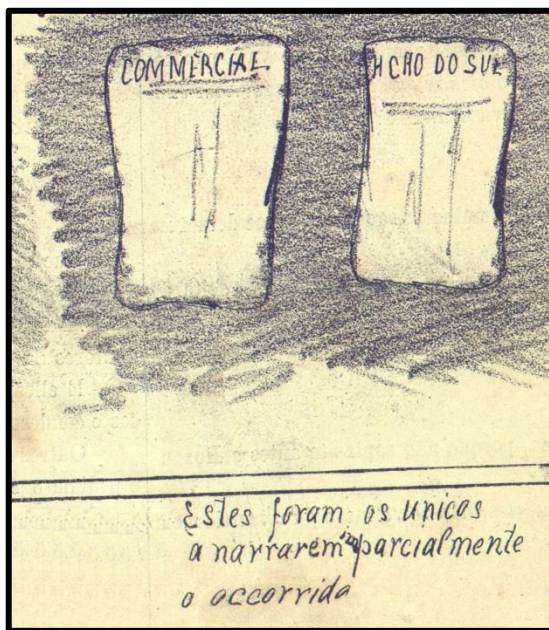
Apesar de ser considerado como um período de ampla liberdade de expressão, a coerção sobre o jornalismo não deixou de existir à época do II Reinado, tanto que os diários locais apareciam devidamente arrolhados, ou seja, eram jornais com pernas que, à altura de onde deveria estar a boca, foram colocadas

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

rolhas, objeto que designava a repressão sobre o periodismo (MARUÍ, 30 jan. 1881). Misturando ópera, teatro e literatura, o semanário trazia o redator do *Diário do Rio Grande* demonstrando dificuldade em assumir uma posição diante de dois contendores (MARUÍ, 5 maio 1881). No que tange aos erros cometidos nos textos publicados pelo *Diário do Rio Grande* e o *Artista*, a folha caricata apresentava os redatores de tais diários jogando com raquetes, só que, no lugar da “peteca” aparecia um livro de gramática, em alusão às falhas redacionais (15 maio 1881). A respeito de um conflito de rua, o *Maruí* mostrava as diferenças entre as abordagens dos jornais, em um quadro pelo qual, o *Comercial* e o *Eco do Sul* teriam se comportado de forma aceitável, ao contrário do *Artista*, que teria adotado uma postura ambígua e ainda mais o *Diário do Rio Grande*, criticado por sua forma de abordagem (29 maio 1881).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





O *Asmodeo* foi um periódico satírico e ilustrado publicado por pouco tempo na cidade do Rio Grande, e o *Maruí* parecia não ver nele um rival ou concorrente, tanto que o bobo da corte estilizado saudou a sua chegada, sendo o mesmo uma figura demoníaca, com o crayon em uma das mãos e um exemplar da nova publicação na outra (5 jun. 1881). Em um conjunto de caricaturas a respeito das tradicionais homenagens prestadas na primeira página a certas personalidades do cenário político-cultural, o semanário apresentava o seu bobo da corte em situação difícil com os desacertos em relação a um indivíduo, que pretendia obter aquele tipo

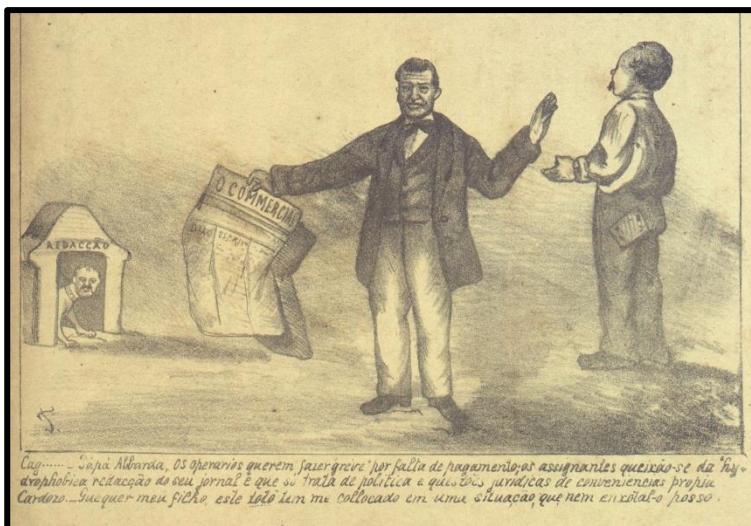
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

de honraria, passando a agredir aquela representação do redator, chegando a ameaçar-lhe de morte (MARUÍ, 1º jan. 1882). Carregando um exemplar de jornal religioso que criticara um dramaturgo e literato rio-grandino, o periódico apontava o redator daquela folha como o próprio diabo, que estaria a praticar “estupendas, anti-civilizadoras e hipócritas conferências”. Um indivíduo com o periódico *Comercial* à mão reclamava do redator da publicação, o qual era simbolizado por um cão, em referência a uma suposta incapacidade para cumprir suas funções (MARUÍ, 26 fev. 1882).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





Sem maiores peias na execução de sua abordagem crítica, o *Maruí* conquistou várias inimizades junto a certos integrantes da comunidade rio-grandina. A pressão sobre o periódico chegou a tal intensidade, que seu proprietário resolveu suspender a sua circulação até segunda ordem, isto é, até que se desanuviassem os horizontes. Entretanto, esse retorno não chegou a acontecer, de modo que, após dois anos e meio de circulação, na *intransigente defesa da moralidade pública*, o temido semanário viria a fazer companhia a *O Diabrete*, ao pé do qual certamente haveria de ficar à vontade. Ao ensejo do balanço levado a efeito na sua tipografia e litografia, não se sabe bem o que foi apurado em seu *passivo*, mas se dizia que a parcela de ódios era grande¹⁶. Em meio a tão categórico e incisivo comportamento, *O*

¹⁶ FERREIRA, 1962. p. 183.

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

Maruí não poupou absolutamente ninguém, nem mesmo os seus colegas de imprensa.

Bisturi

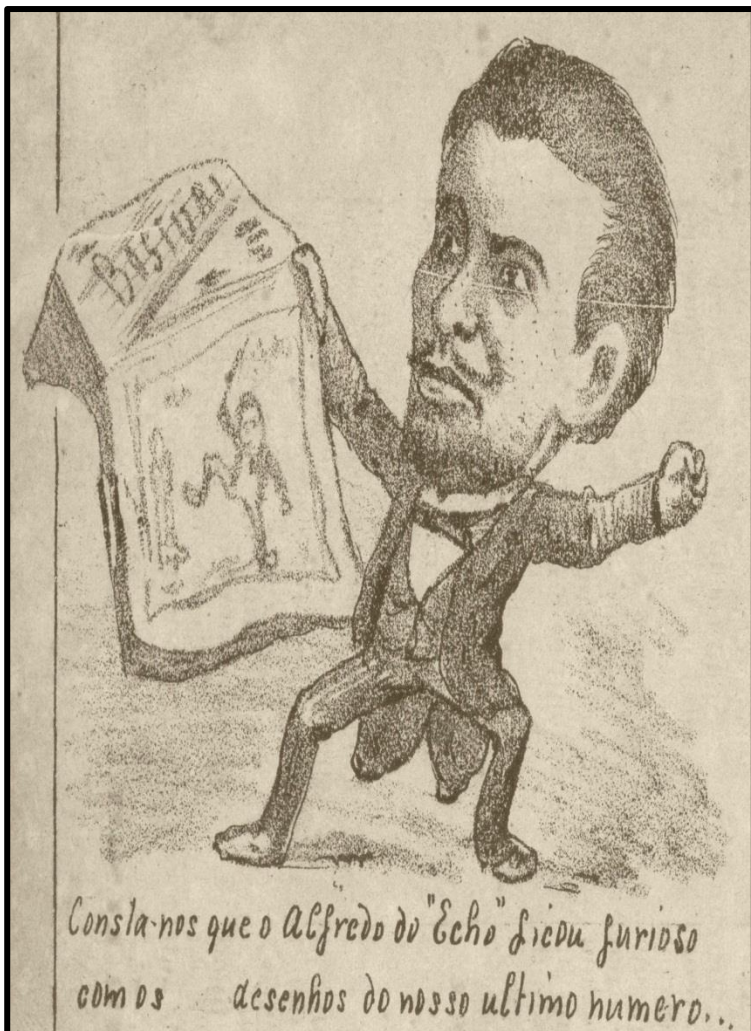
Uma das mais importantes publicações caricatas editada na cidade do Rio Grande foi o *Bisturi*, que circulou regularmente entre 1888 e 1893, existindo com várias falhas em suas edições pelo menos até 1915. Seu título fazia menção ao utensílio cirúrgico de corte profundo e preciso, bem de acordo com suas intenções editoriais¹⁷. Anunciava que buscaria manter nas seções de desenhos, e na redação, guardados os princípios determinados pela urbanidade, afirmando também que se colocaria em prol da “luta de coerção aos desvios que envergonham”. Desse modo, garantia empenhar-se “na extirpação da lepra social dos escândalos, da calúnia, invectivas livres e as alusões imorais”, que estariam a desedificar “na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social” (BISTURI, 1º abr. 1888). De acordo com tal proposta, o hebdomadário exerceu a crítica de modo irrestrito, direcionando-a inclusive em relação às práticas jornalísticas.

Refletindo as disputas entre liberais e conservadores, respectivamente, o *Bisturi* não cansou de atacar o *Eco do Sul*. Nesse sentido, chegou a ilustrar a imagem do proprietário do *Eco*, com o semanário ilustrado em mãos, cheio de raiva e indignação pela forma que este o tratava em suas páginas (BISTURI, 22 jul. 1888). Em outra oportunidade, o periódico

¹⁷ Acerca do *Bisturi*, ver: FERREIRA, 1962. p. 185-194.; ALVES, 2019. p. 219-243.

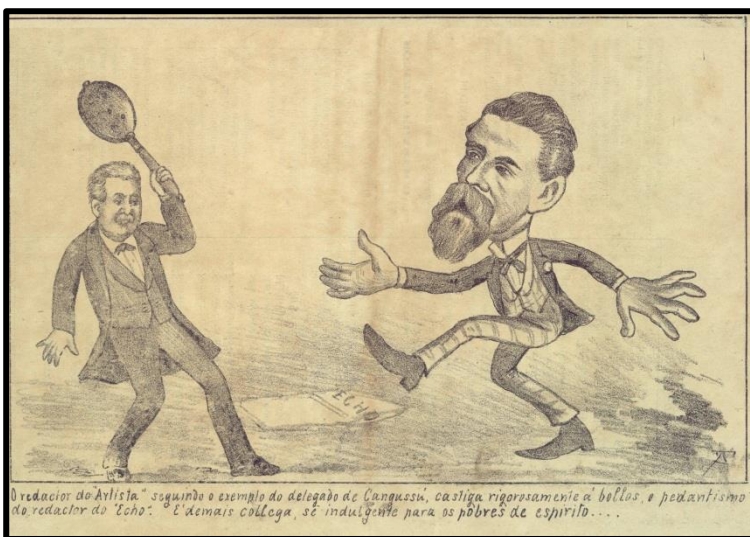
denunciava uma onda de roubos ocorrida na cidade, de modo que o bobo da corte lia as notícias publicadas na imprensa sobre tais eventos, e comentava, carregando nas cores da ironia, que, no Rio Grande, “ninguém se entrega à arriscadíssima e lucrativa profissão de roubar”, vindo a lembrar que não eram só os assaltantes que prejudicavam a sociedade, mas também os comerciantes, empresários e políticos desonestos. Uma mudança nas oficinas do periódico foi representada por meio de desenho que revelava o caráter unipessoal do empreendimento, no qual o proprietário da folha, acompanhado de um auxiliar, carregava não só os utensílios, mas também os alvos das críticas do semanário (BISTURI, 29 jul. 1888). Os debates exacerbados entre a folha liberal *Artista* e a conservadora *Eco do Sul*, foram representados pela presença do redator da primeira castigando o da outra por meio de pancadas com a palmatória (BISTURI, 10 set. 1888). Os responsáveis pela redação do *Eco* e da *Comédia Social*, periódico satírico e literário da cidade, também apareciam, metamorfoseados como ursos, em pleno conflito, sendo acompanhados por indivíduos portando pandeiros, em sinal de dar retumbância ao ocorrido (BISTURI, 23 set. 1888). Uma homenagem a um jornalista cidadão, com uma larga carreira em sua profissão, tendo escrito e publicado em vários jornais da província, Camboim Filho era apresentado em retrato de primeira página, com os braços cruzados sobre o periódico que publicava (BISTURI, 21 out. 1888). Um outro escritor público reconhecido na comunidade, Rocha Gallo, com a pena embaixo do braço, era anunciado como integrante da redação da *Gazeta Mercantil* (BISTURI, 20 jan. 1889).

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



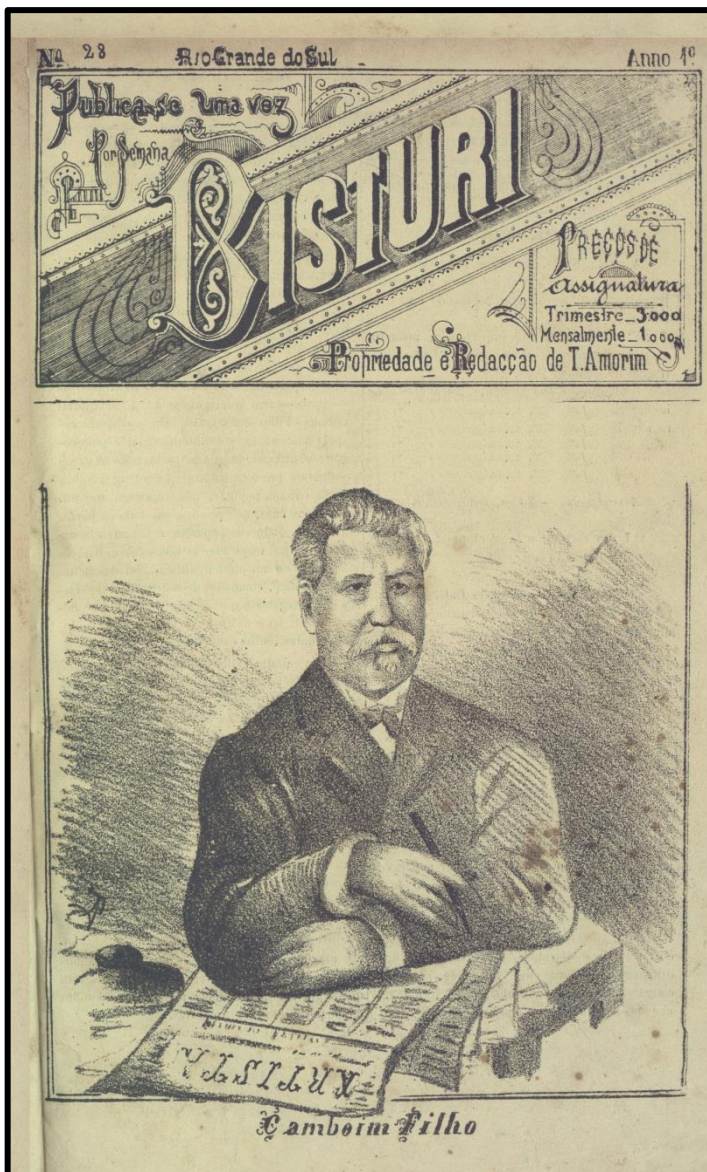


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



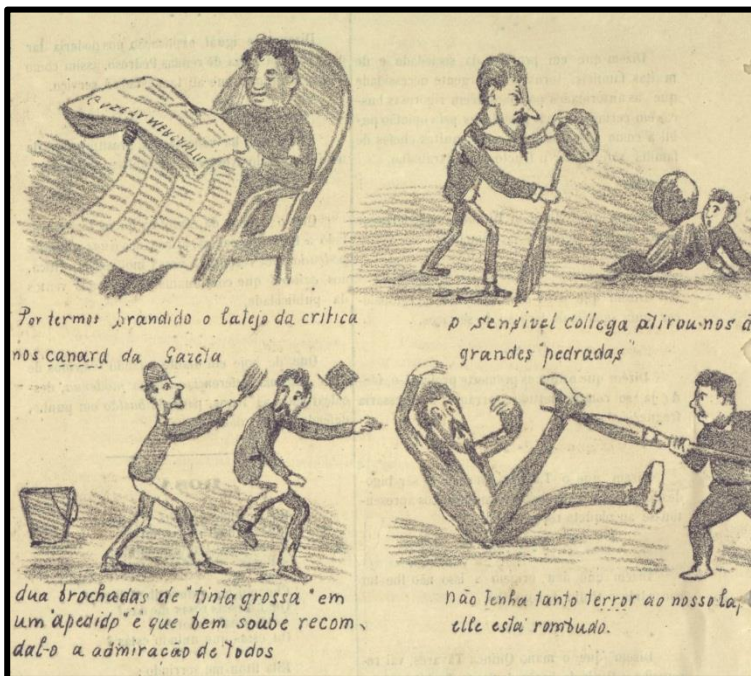


Os ataques ao *Eco do Sul* persistiam, tanto que no cabeçalho o seu proprietário aparecia tendo a boca calada, bem como, no escritório de sua folha, surgia indeciso quanto a lançar-se ou não na vida político-eleitoral. Os confrontos entre *Eco* e *Artista* foram representados por uma briga de cães, havendo a tentativa do redator da *Gazeta Mercantil* de evitá-la (BISTURI, 27 jan. 1889). As negociações políticas no seio da redação dos jornais eram demonstradas a partir do diálogo de indivíduo que folheava um exemplar do *Artista* (BISTURI, 3 fev. 1889). A redação da *Gazeta Mercantil* se mostrou incomodada com as críticas do *Bisturi*, chegando o confronto às vias de fato, havendo a reação do bobo da corte, que partia para a briga

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

contando com o seu crayon como arma (BISTURI, 14 jul. 1889).

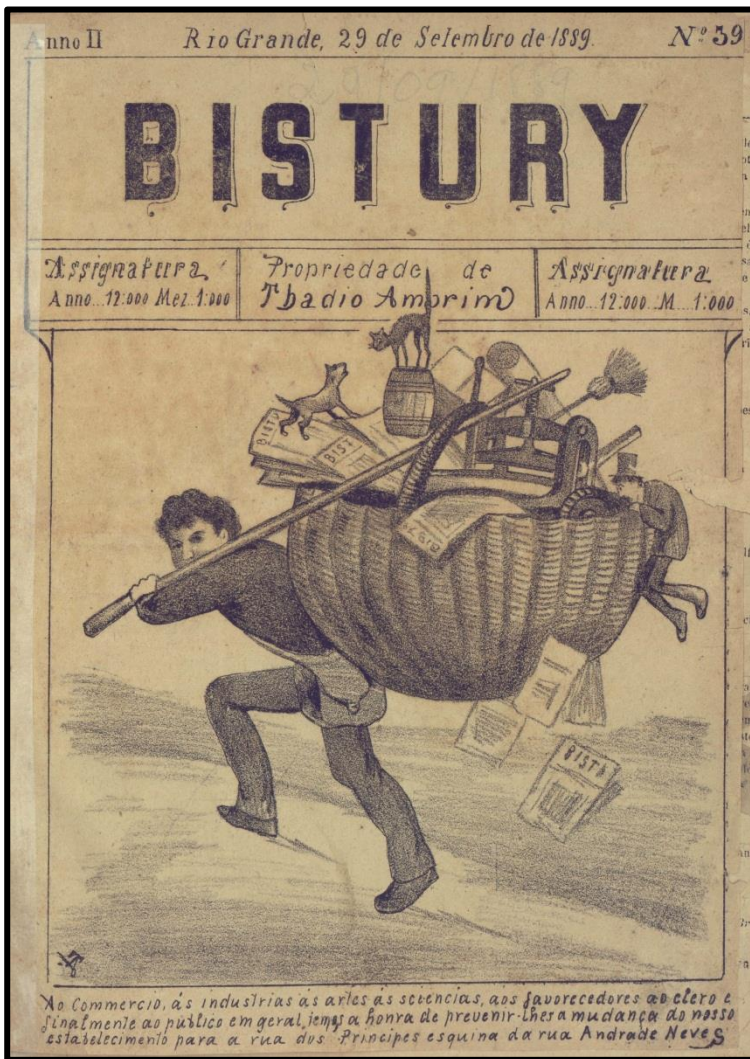




Em nova mudança de endereço, o bobo da corte transportava em suas costas os pertences da redação (BISTURI, 29 set. 1889). Diante a denúncia de um ato de corrupção, observada pelo bobo da corte a partir da leitura de um jornal, o semanário humorístico manifestava sua estranheza pelo silêncio dos demais periódicos, rio-grandinos, mas sustentando que ele, mesmo não “gozando dos foros de jornalista sério e moralizado”, se negava a calar diante de um malfeito (BISTURI, 27 out. 1889). Segundo o hebdomadário, por meio de alegorias femininas, um cidadão havia

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

conseguido, com o uso da verdade, vencer as calúnias que o *Eco* lhe impingia (BISTURI, 3 nov. 1889).





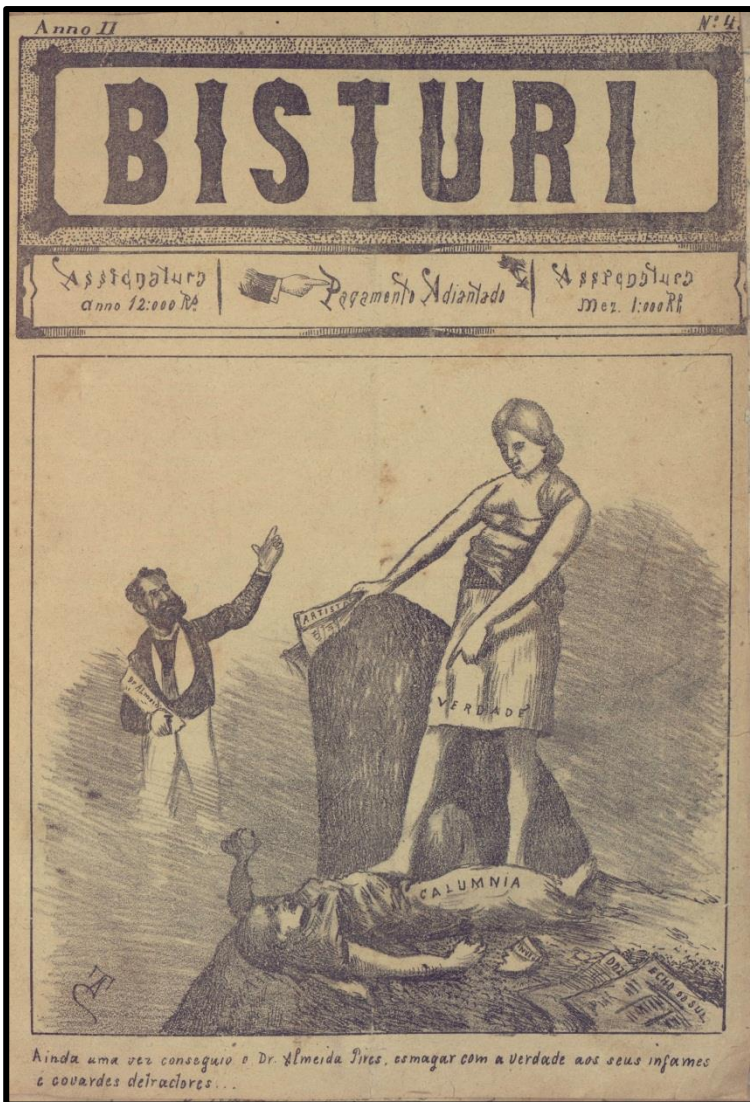
O "Onze de Junho" publicou um escripto que diz ter sido enviado do Rio Grande, no qual declara que uma imprensa d'esta terra recebeu um escripto para publicar mediante reserva, e commettendo o encarregado da referida empresa, a alta traicão de ir direitinho a alfandega e alli mostrar o escripto que lhe fora confiado e e

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



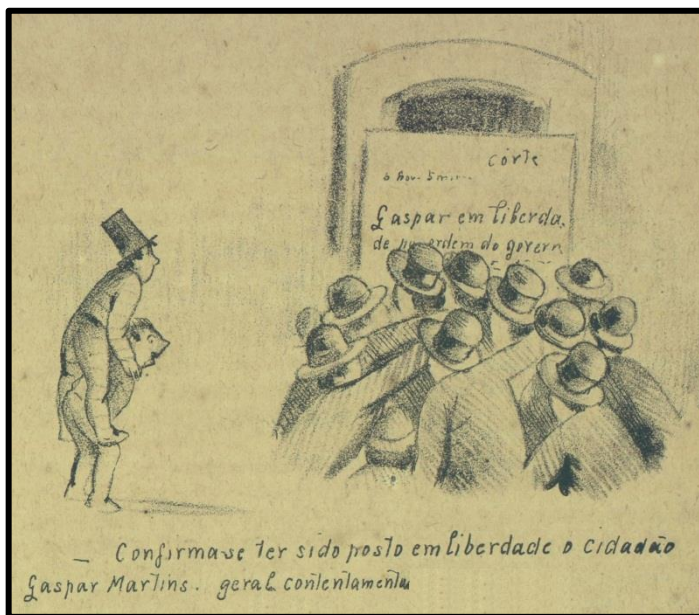
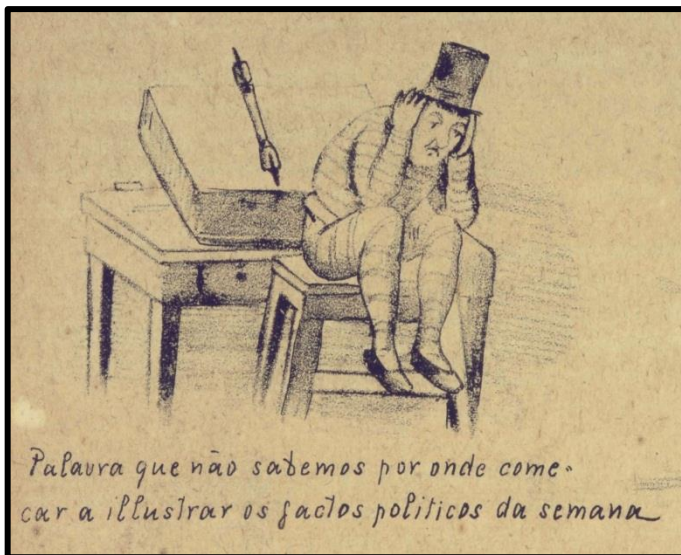


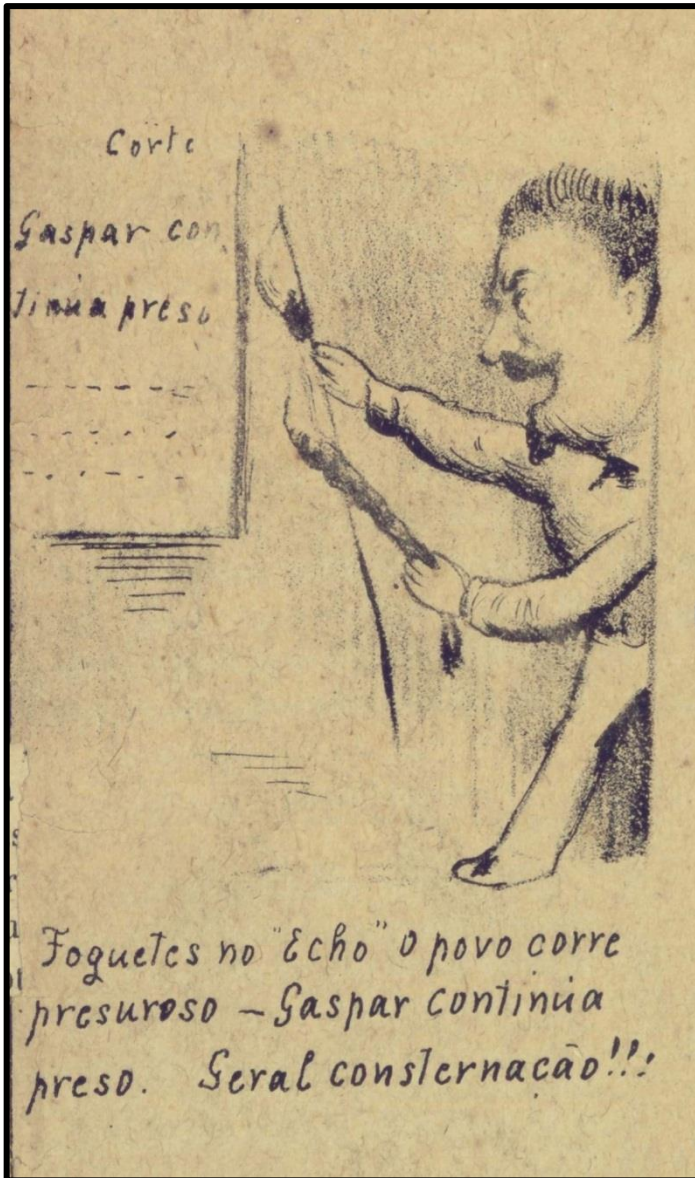
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



Com a mudança na forma de governo, o *Bisturi* não deixou de realizar suas apreciações acerca das lides jornalísticas. Tendo em vista as incertezas dos primeiros dias republicanos, o bobo da corte dizia não saber como “ilustrar os fatos políticos da semana”. A respeito da situação do líder liberal Gaspar Silveira Martins e a determinação de sua prisão e exílio por parte do novo governo ficava demarcada a continuidade das identidades partidárias anteriores à república, com o *Eco* confirmando a notícia, ao passo que o *Artista* declarava que o político se encontrava em liberdade, havendo fogueatório de parte a parte. O semanário também demarcava outro hábito bastante comum à época, com o público comparecendo aos escritórios dos jornais para obter informes afixados em seus murais. Além disso, a folha caricata estranhava o comportamento do *Eco do Sul* de apoio à nova situação, bem como ressaltava a postura mais comedida e cuidadosa de parte do *Artista* (BISTURI, 1º dez. 1889). Desde cedo o hebdomadário começou a perceber o tratamento coercitivo que os governantes republicanos iriam dispensar para com a imprensa, tanto que mostrava a prisão de três jornalistas em Porto Alegre, fato que causava “um violento abalo em todo o corpo”, de modo que até o bobo da corte se imaginava sendo aprisionado, constituindo tal acontecimento em um ato “duro e vexatório” (BISTURI, 5 jan. 1890). O bobo voltava a protagonizar outra caricatura, dizendo que ainda se encontrava vivo, sem ter sido banido do país e, para assim permanecer, passara a ter maiores cuidados na elaboração do *Bisturi*, de modo a assim não vir a ser privado de sua vida no Brasil (BISTURI, 12 jan. 1890).

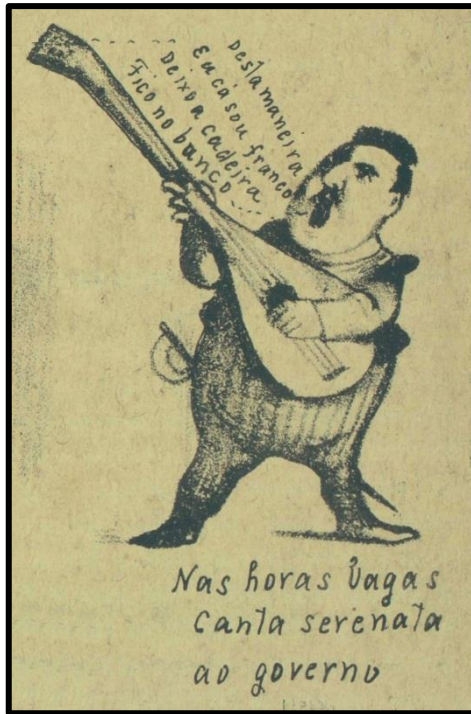
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



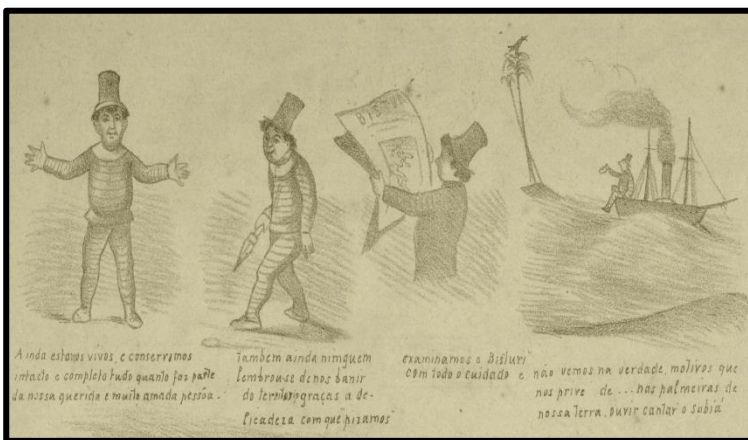
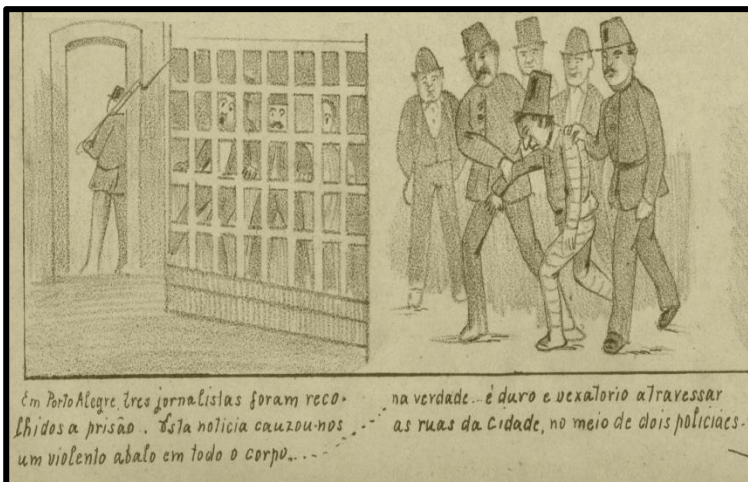


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





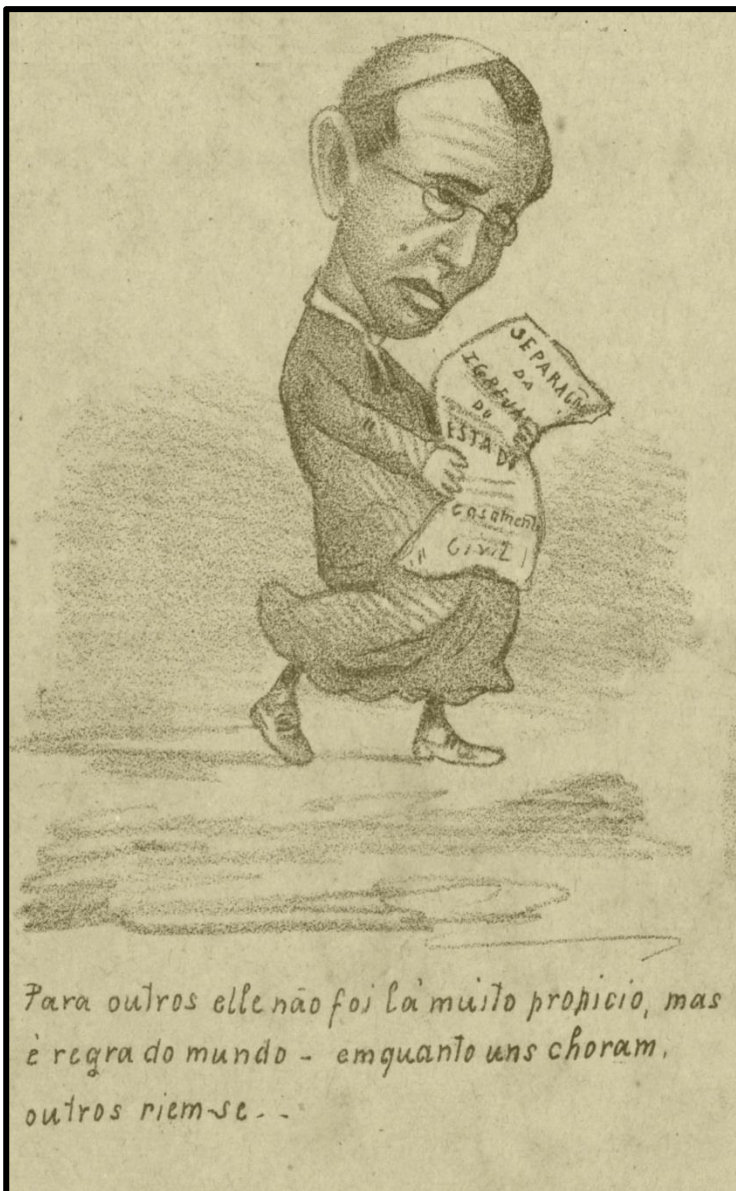
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



O anticlericalismo da folha era evidenciado a partir do desenho em que um padre em desespero lia no jornal acerca da separação da Igreja do Estado e da implantação do casamento civil, fatores que em muito prejudicavam seus interesses. Na continuidade, o

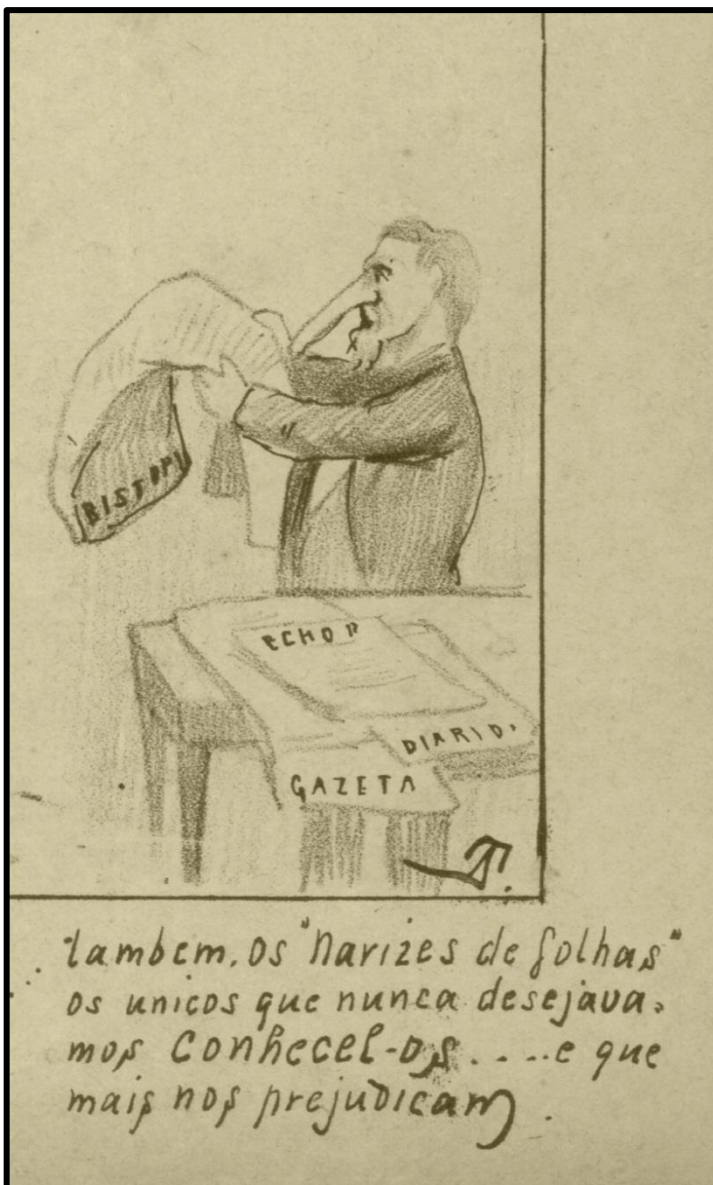
periódico mostrava um conjunto de indivíduos que observava um jornal, completamente insatisfeitos pelo novo governo republicano haver extinto a expedição de honrarias e comendas (BISTURI, 19 jan. 1890). A publicação humorística também se referia aos “narizes de folhas”, em alusão àqueles que esmiuçavam um jornal para apenas poder criticá-lo (BISTURI, 16 fev. 1890). O semanário destacava ainda o grande interesse que despertara em meio à colônia lusa de um retrato por ele elaborado acerca de um militar português, chegando a ter havido até mesmo uma espécie de concorrência entre os pretendentes à sua aquisição (BISTURI, 9 mar. 1890). Nos dias quentes do final do verão, o bobo da corte se dizia cheio de preguiça, ainda que tivesse de encher sua pedra litográfica com os acontecimentos de uma “calamitosa semana”. Com ironia, afirmava que o governo continuava a garantir a liberdade de imprensa, no entanto, aparecia o responsável por um jornal, com um punhal identificado com a deportação, que atravessava a sua cabeça (BISTURI, 16 mar. 1890). A folha mostrava um cidadão bem sentado a ler o seu jornal, afirmando que a imprensa andava “pobre de assunto”, concentrando-se nas epidemias e na política internacional, no caso o ultimato lançado pelos britânicos em relação às colônias portuguesas na África (BISTURI, 23 mar. 1890). As denúncias quanto à falta de liberdade de expressão por meio do jornalismo retornavam à pauta do periódico, ao apresentar seus colegas, cada qual com o jornal que redigia à mão, os quais estariam a reclamar por não “poderem livremente exercer a sua missão civilizadora” (BISTURI, 13 abr. 1890).

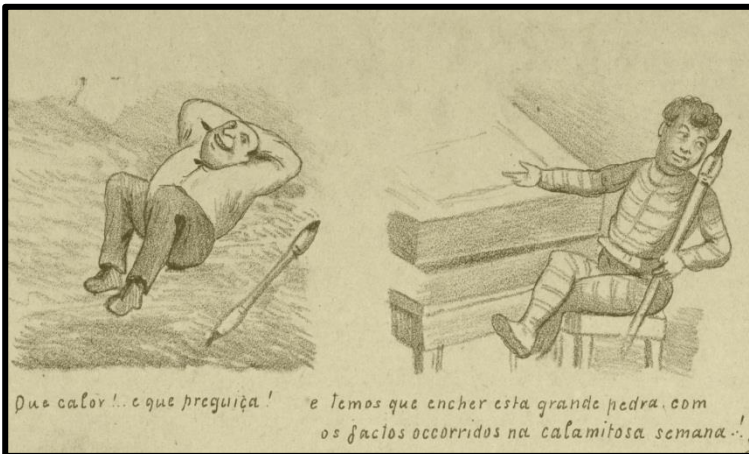
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



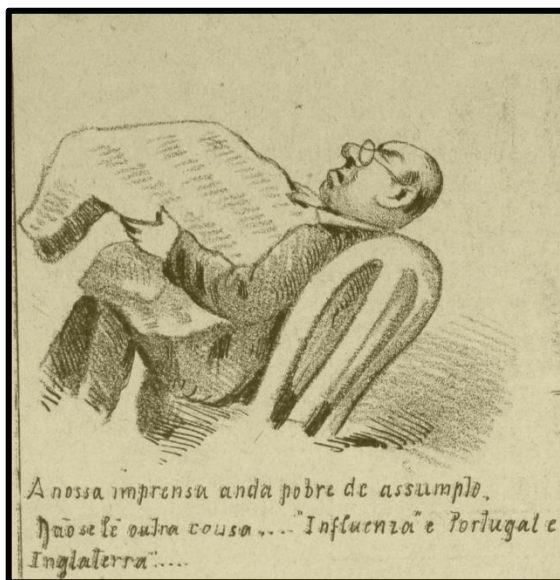


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

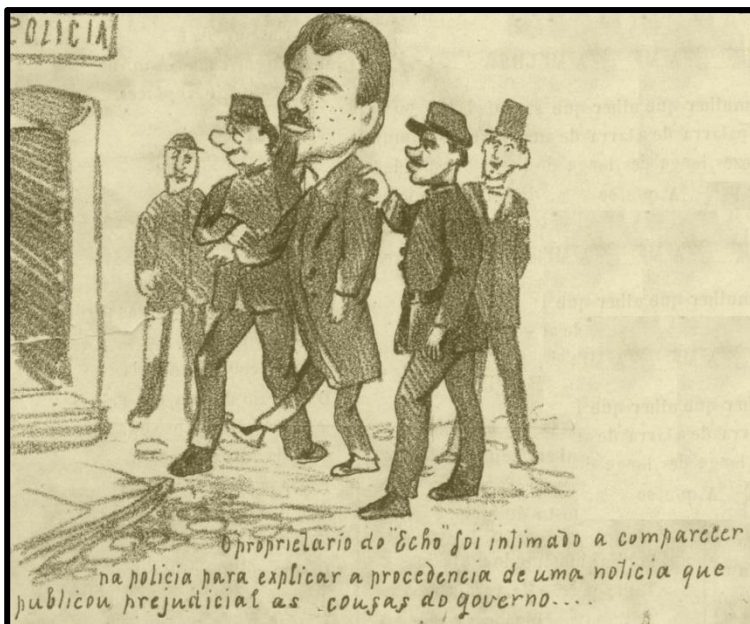


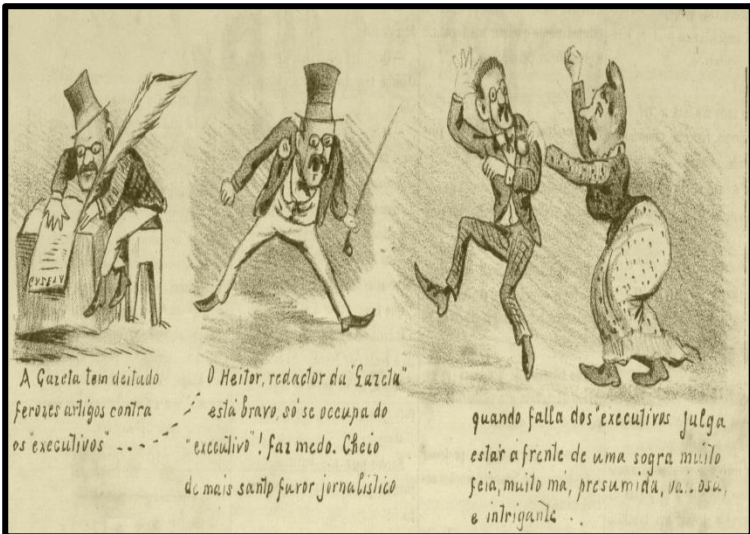


Retomando o tema da falta de liberdade de imprensa, o *Bisturi* apontou o fato de que o proprietário do *Eco do Sul* fora “intimado a comparecer na polícia, para explicar a procedência de uma notícia que publicou, a qual teria sido “prejudicial às coisas governo” (BISTURI, 20 abr. 1890). A pauta anticlerical voltou a aparecer, com um sacerdote que lia junto à

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

imprensa as informações sobre a instauração do casamento civil, retirando-lhe seu “maior rendimento”, de modo que se propunha a “combater semelhante heresia” (BISTURI, 4 maio 1890). De acordo com o semanário caricato, o redator da *Gazeta Mercantil* vinha elaborando “ferozes artigos contra os ‘executivos’”, como eram denominados os governistas no Rio Grande do Sul, seguidores de Júlio de Castilhos, manifestando um “santo fervor jornalístico”, como se estivesse a enfrentar uma “sogra feia, má, presumida, vaidosa e intrigante”. Já o redator do *Diário do Rio Grande* aparecia metamorfoseado como um macaco que metera a mão na cumbuca, no caso as polêmicas quanto a desmandos na Santa Casa (BISTURI, 11 maio 1890)



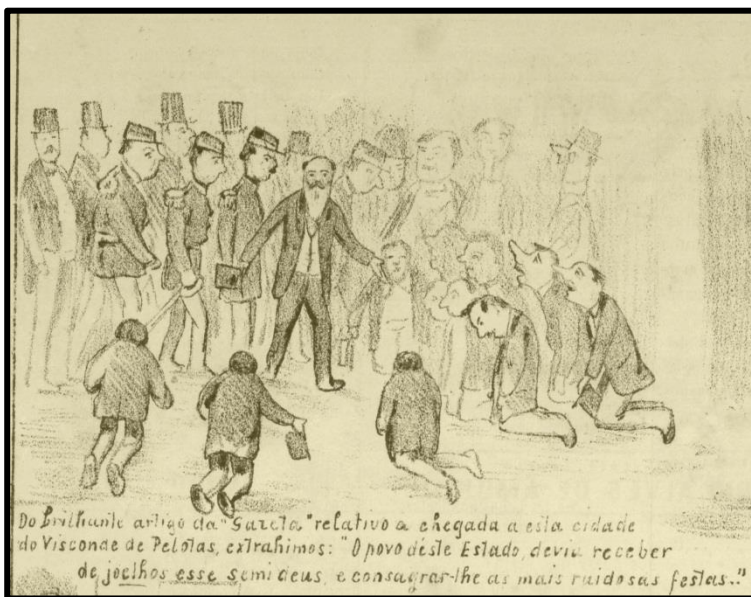


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

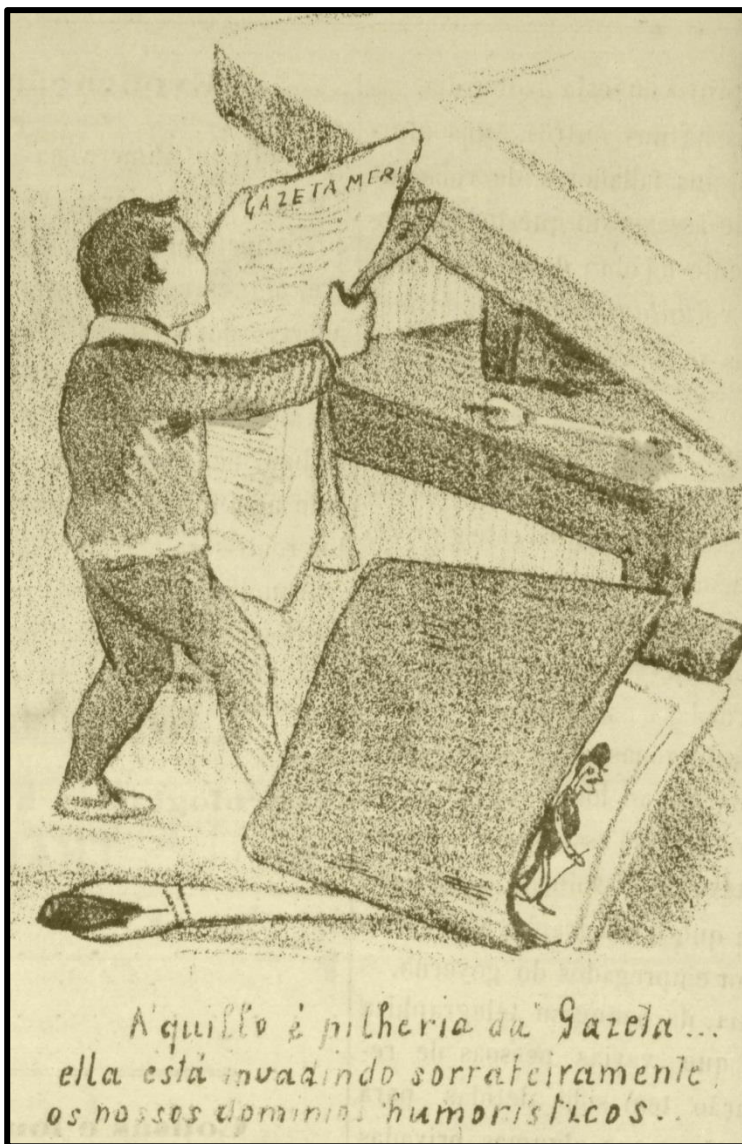


Também foi alvo da atenção do *Bisturi* aquilo que considerava exageros na abordagem dos demais periódicos, como foi o caso de um artigo da *Gazeta Mercantil*, que anunciava a chegada de um político à cidade, o qual deveria ser recebido em louvação, como um “semideus”. Diante disso, o bobo da corte lia a matéria e, chistosamente, afirmava que o colega estaria “invadindo sorrateiramente” os seus domínios humorísticos (BISTURI, 18 maio 1890). O semanário aplaudia a iniciativa da venda dos jornais pelas ruas, mas, tendo em vista as medidas autoritárias então em vigor, manifestava seu desejo de que o poder público municipal não criasse obstáculos à iniciativa (BISTURI, 1º jun. 1890). A morte do jornalista e político liberal Carlos von Koseritz, perseguido pela ditadura castilhistas, foi lamentada pelo periódico rio-grandino, ao publicar alegoria na qual aparecia o periódico em que o falecido trabalhava, uma figura feminina pranteando a morte e morcegos, que representavam os males que

afligiam o Rio Grande do Sul, ou seja, os próprios castilhistas (BISTURI, 22 jun. 1890). Ainda quanto à situação política gaúcha, o bobo da corte folheava o *Eco do Sul* e reclamava que as folhas diárias não estariam trazendo nada de novo, apenas notícias do Pato, alcunha pela qual chamava o líder republicano Júlio de Castilhos (BISTURI, 26 out. 1890). O empastelamento das oficinas de um periódico no Rio de Janeiro “por uma horda de janízaros encapotados” foi desenhado e lamentado pelo bobo, que cobrava a falta de garantias individuais para os cidadãos (BISTURI, 14 dez. 1890).

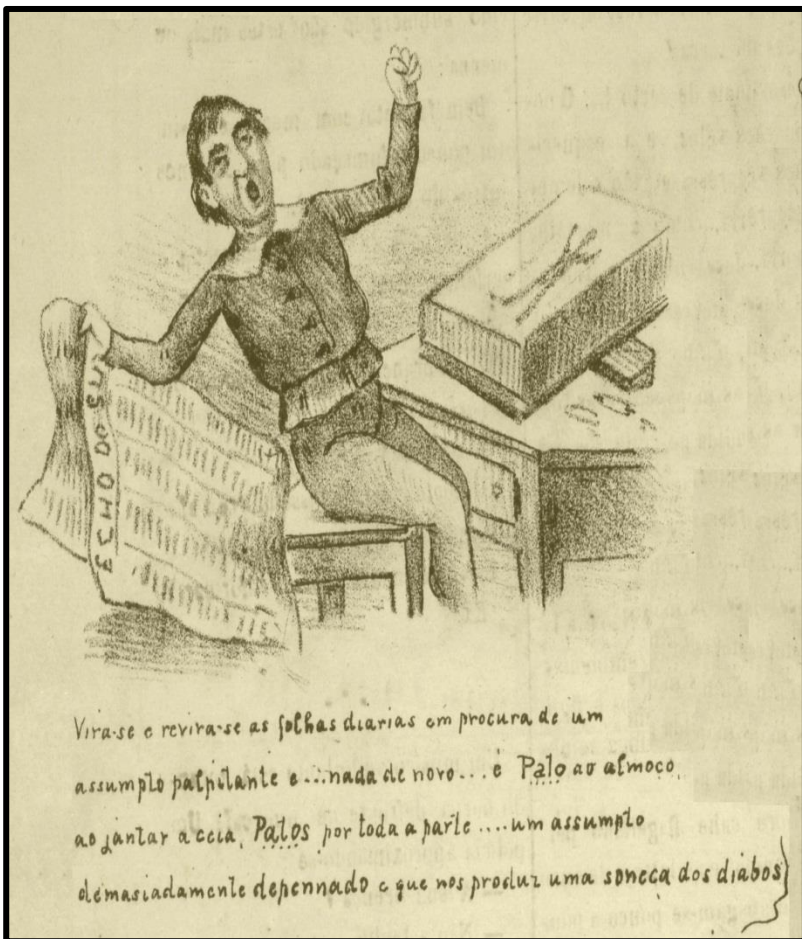


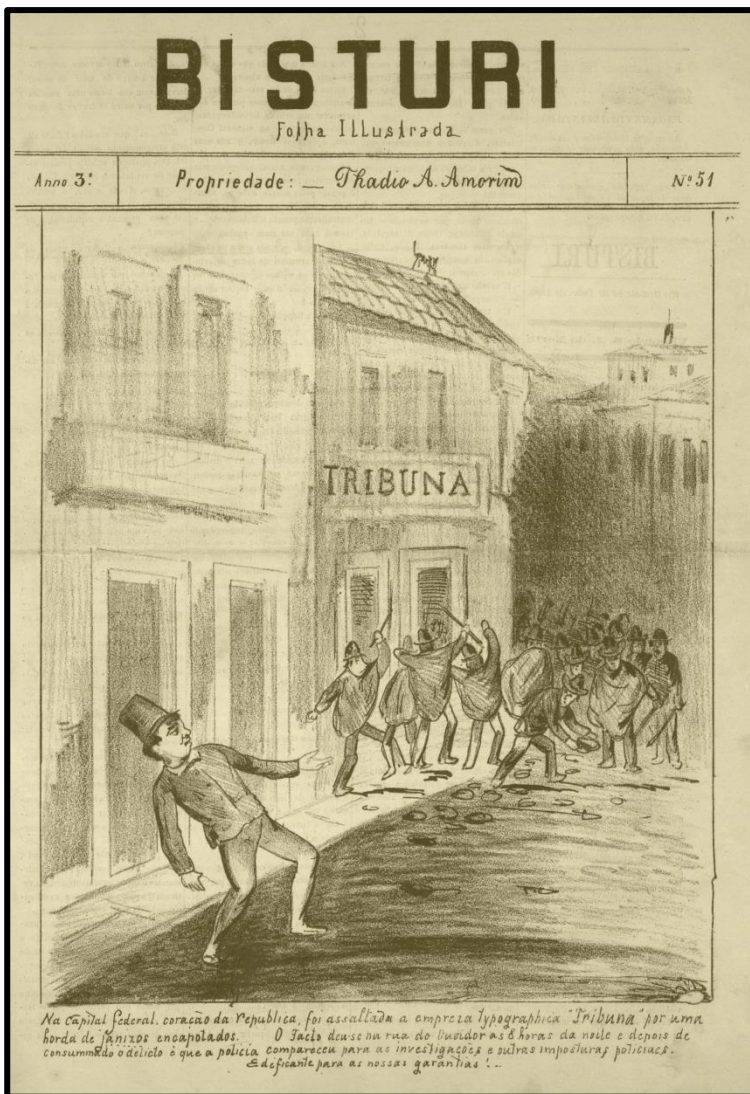
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

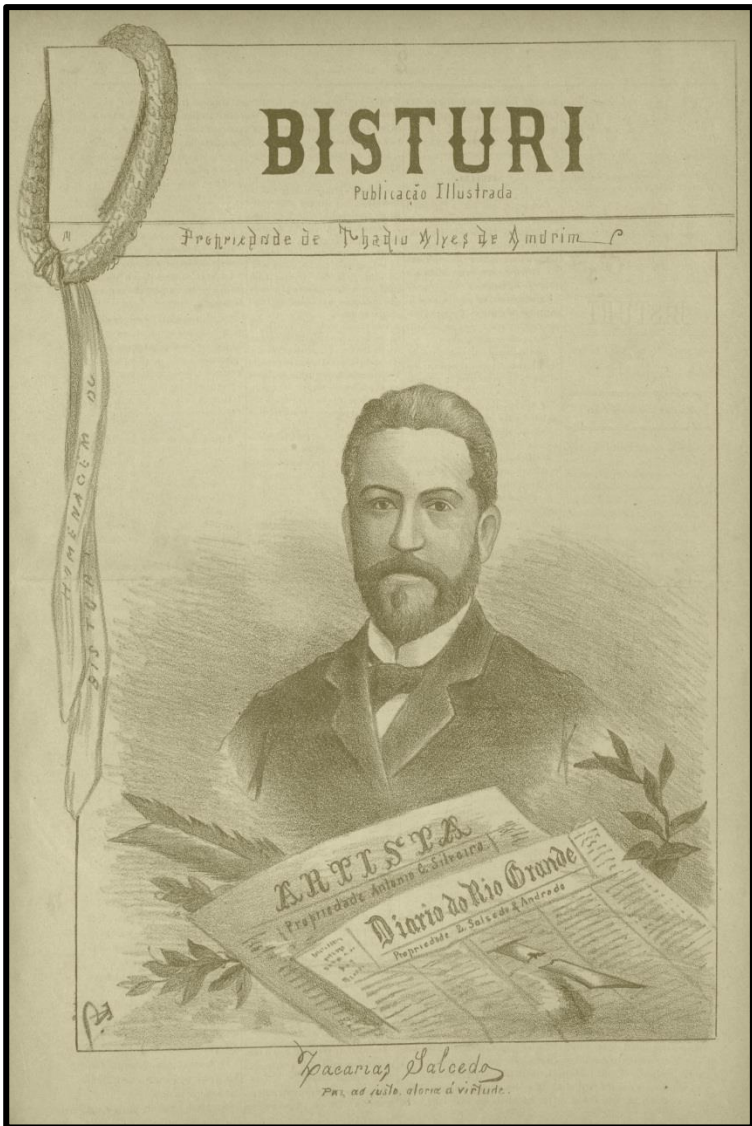




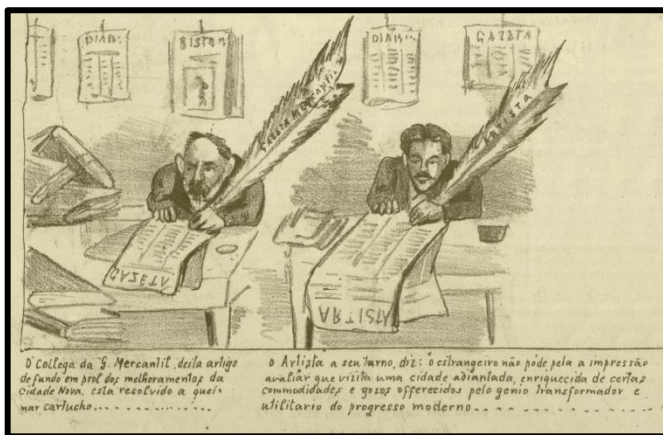
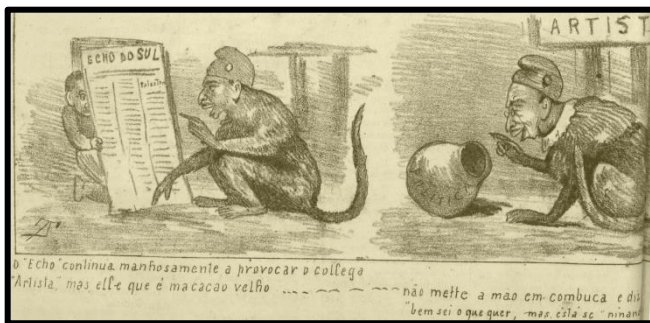
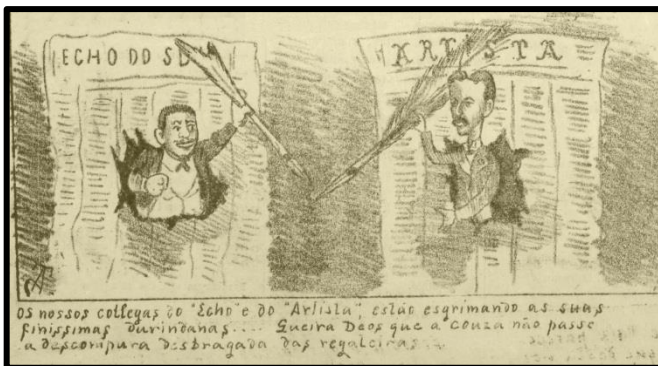
O falecimento do jornalista Zacarias de Salcedo, que atuara na imprensa rio-grandina, especificamente no

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

Artista e no *Diário do Rio Grande*, cujos exemplares apareciam na ilustração, era destacado pelo *Bisturi*, que homenageou o morto com a publicação da sua efígie (BISTURI, 26 abr. 1891). A oposição entre o *Eco do Sul* e o *Artista* permanecia como pauta do hebdomadário humorístico, que mostrava os redatores de cada uma das publicações esgrimindo entre si, utilizando-se de suas penas no lugar das espadas (BISTURI, 17 maio 1891). O assunto continuava na ordem do dia, dizendo o *Bisturi* que o *Eco* estaria a provocar o *Artista*, mas que este, como “macaco velho”, evitava enfiar a mão na cumbuca da política (BISTURI, 31 maio 1891). Mostrando uma feição dos escritórios das redações jornalísticas, o semanário trazia o redator da *Gazeta* escrevendo sobre melhorias urbanas e o do *Artista*, sobre impressões de viagem de cronistas estrangeiros, tomando, portanto, o cuidado especial de evitar os assuntos político-partidários (BISTURI, 2 ago. 1891). O *Bisturi* não deixava de propagandear o seu próprio sucesso, como teria sido verificado pela constante presença de pessoas para observar a edição estampada no mural junto ao escritório da publicação e, bem de acordo com seu espírito anticlerical, ao mostrar um padre que ficara horrorizado com uma das caricaturas publicadas na folha caricata (BISTURI, 30 ago. 1891). Enfrentando os males nacionais, simbolizados por morcegos, com toda a sua carga simbólica negativa, o *Bisturi* imaginava a imprensa como uma mulher, “gladiadora honesta e imaculada”, que, de espada em punho, estaria pronta a arrostar aqueles que pretendiam tolher a sua “marcha luminosa” (BISTURI, 18 out. 1891).



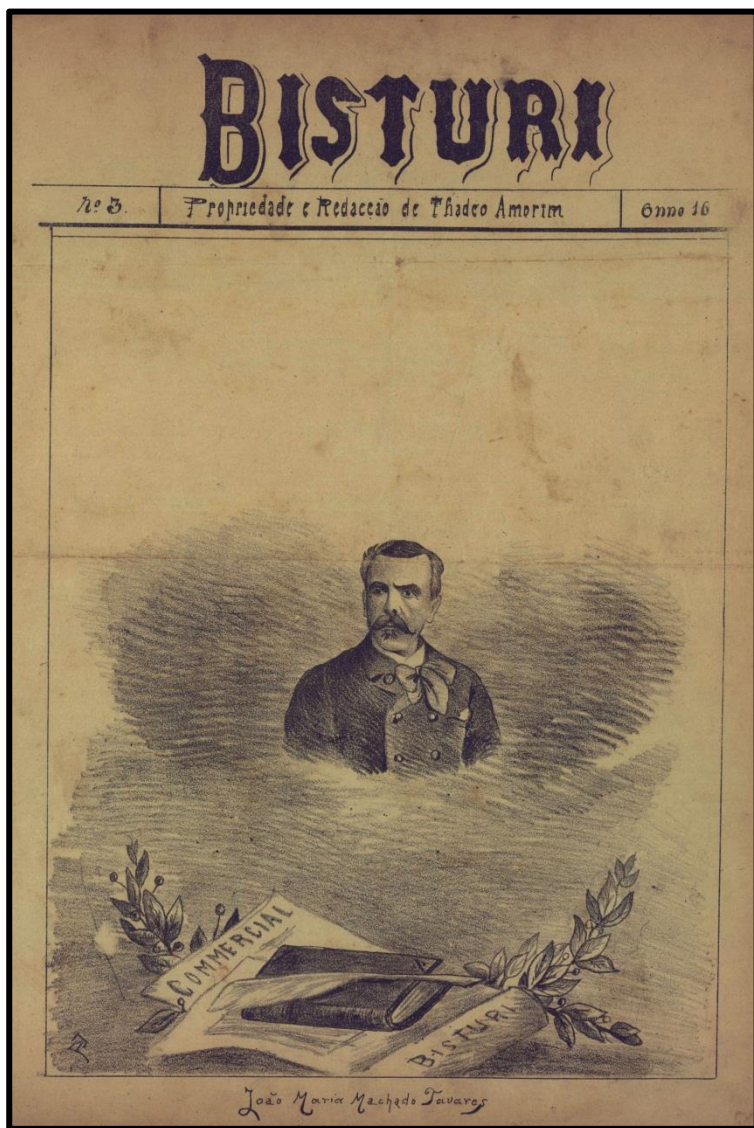
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

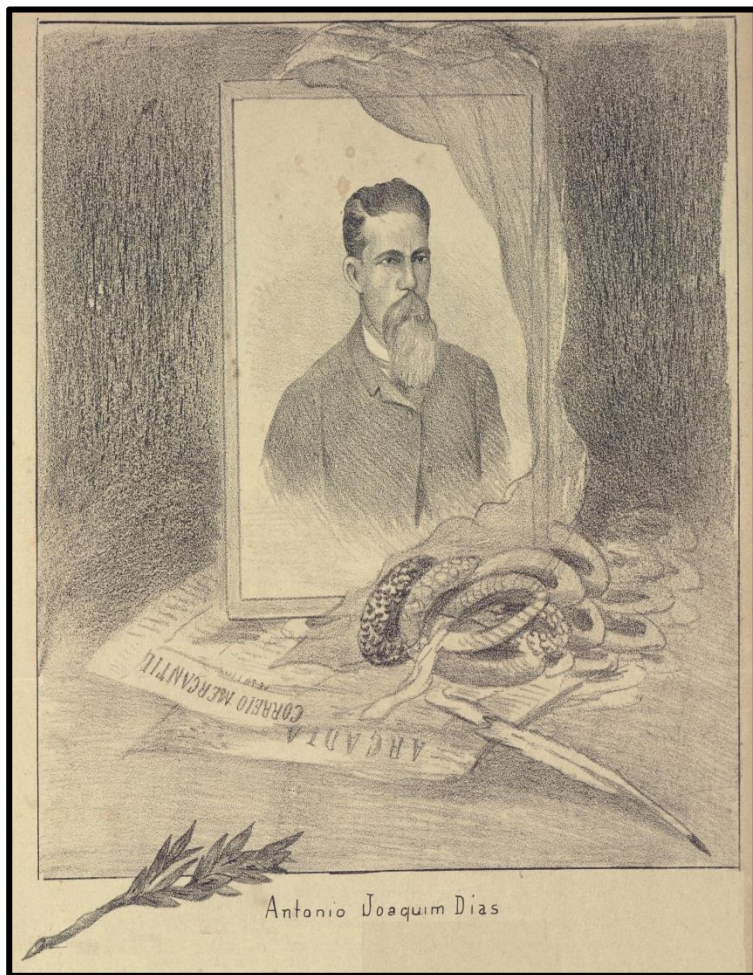
As homenagens do *Bisturi* ao passamento de mais um jornalista, João Maria Machado Tavares, que militara no *Comercial* e na própria folha caricata, cujos exemplares também se faziam presentes na estampa, serviam para lembrar a ação daquele “homem de talento e dedicado à vida da imprensa” (BISTURI, 17 jan. 1892). Mas não eram só de tristezas os destaques do semanário, como ao saudar o aniversário de Manoel José de Andrade, cuja moldura ao retrato era formada pelo *Diário do Rio Grande*, periódico do qual era proprietário e redator, sendo o mesmo apontado como “lutador intemerato” e portador de altos “merecimentos jornalísticos” (BISTURI, 24 jan. 1892). Ainda no campo das saudações, foi publicada outra nota fúnebre acerca de Antônio Joaquim Dias, que fundara um dos primeiros periódicos literários rio-grandinos, a *Arcádia*, assim como a folha pelotense *Correio Mercantil*, que compunham o registro iconográfico do personagem, qualificado como “lutador insigne”, “jornalista distinto” e “valente batalhador de todas as causas justas” (BISTURI, 13 mar. 1892). Também solene foi a edição que enfatizou o papel de Fernando Pimentel, cuja efígie era adornada com um exemplar do *Artista*, do qual era responsável pela redação, sendo sobre ele tecida a consideração de que se tratava de “um dos mais distintos vultos do jornalismo rio-grandense” (BISTURI, 20 mar. 1892).



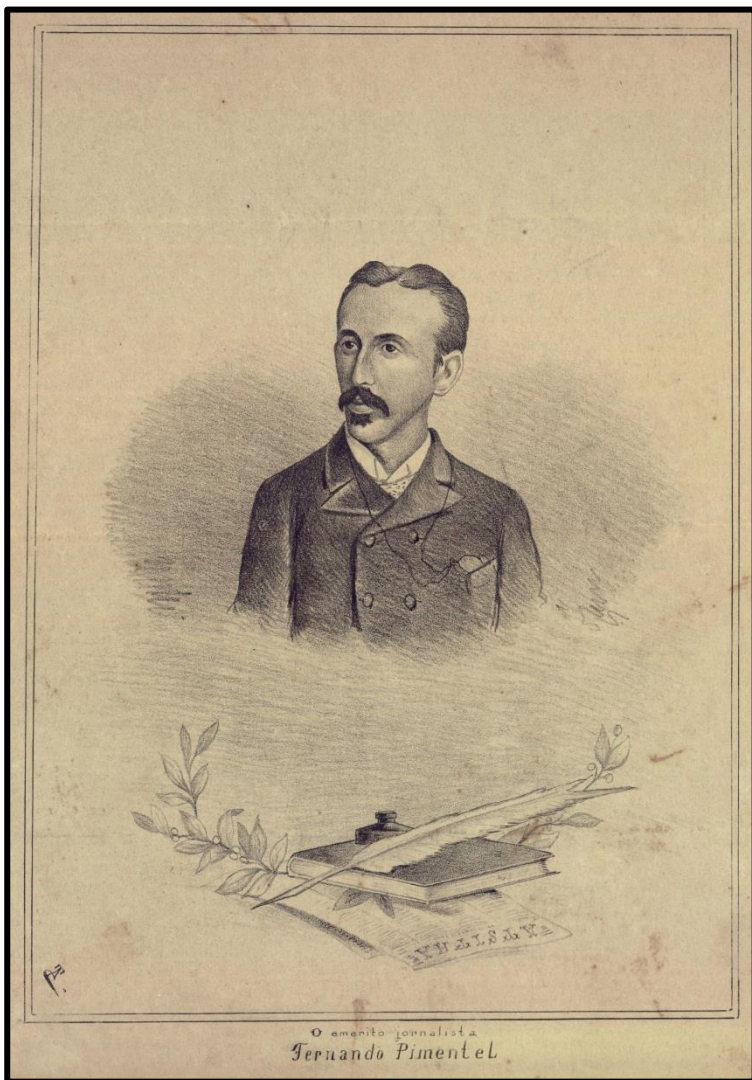
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

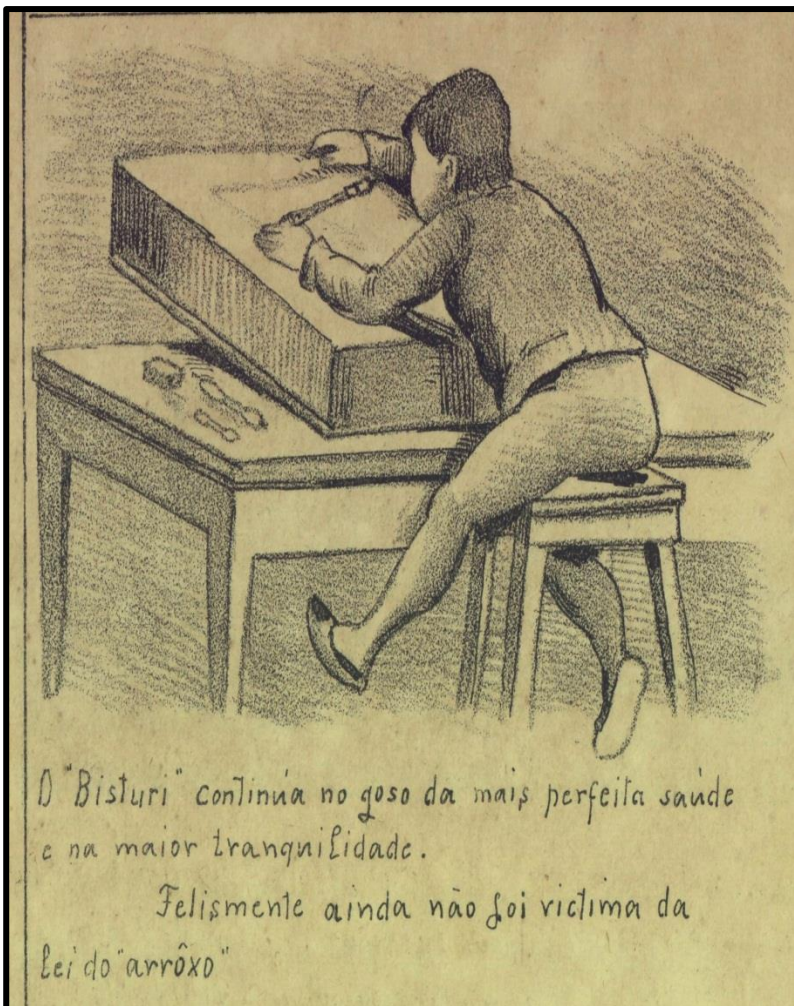


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O impacto que as críticas expressas pelo *Bisturi* atingiam a sociedade ficava demarcado em caricatura na qual algumas damas da cidade rasgavam um exemplar do periódico e tiravam satisfações do bobo da corte (BISTURI, 24 jan. 1892). Voltando a abordar o cerceamento às liberdades jornalísticas, o hebdomadário trazia o bobo que, ironicamente afirmava estar com “perfeita saúde e na maior tranquilidade”, sem que tivesse sido “vítima da lei do arroxo”, em relação às medidas governamentais coercitivas. No mesmo conjunto de caricaturas, o personagem se dizia com medo de “ser arroxado”, observando uma rolha que vinha em sua direção, tratando-se do objeto comumente utilizado para designar a repressão sobre o direito à livre expressão (BISTURI, 3 jul. 1892).



REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





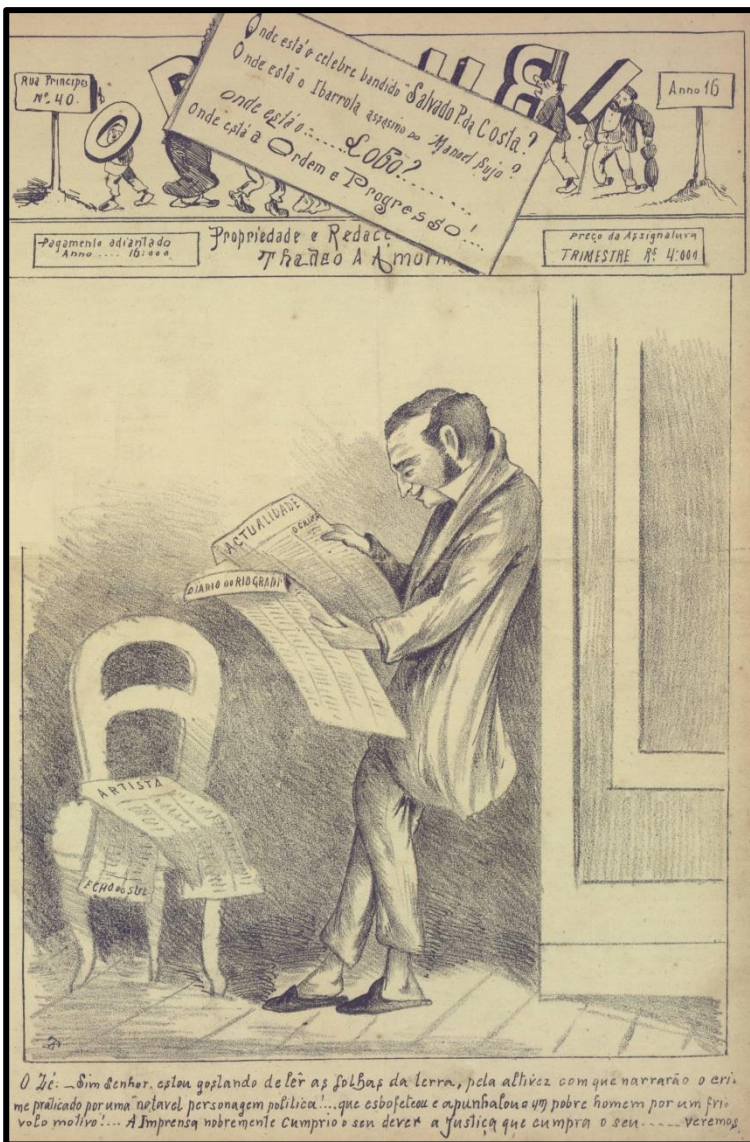
Voltando à crítica às próprias atividades jornalísticas, o semanário trazia dois jornalistas cujas matérias eram comparadas a vômito, transformando a imprensa em “depósito de imundícies” (BISTURI, 23 out. 1892). A batalha pelos preços da carne foi enquadrada

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

também como uma disputa pela imprensa, na qual o jornal governista *Rio Grande do Sul*, defendia os empresários do setor, enquanto os não-alinhados ao governo tentavam proteger os interesses dos consumidores (BISTURI, 30 out. 1892). Ainda acerca dos periódicos distanciados do governo castilhista, o *Bisturi* trazia um leitor que observava o conteúdo dos mesmos, elogiando-os por denunciarem um crime de natureza política (BISTURI, 15 jan. 1893). O cerceamento às lides jornalísticas cada vez mais se aprofundava e o hebdomadário rio-grandino insistia em apontá-lo, como aos mostrar os jornalistas rio-grandinos agrilhoados ao chão, sendo citado o artigo da constituição sobre a livre manifestação do pensamento, que estaria se transformando em uma letra morta. No mesmo sentido, foi apresentada uma alegoria feminina da imprensa, como uma figura sacrificada e fragilizada, sendo dominada por uma imensa manopla, em alusão ao poder coercitivo governamental. Diante de tal clima repressivo, o próprio redator-proprietário da folha caricata previa a sua prisão, enquanto as autoridades municipais brindavam com Júlio de Castilhos, que visitava a cidade (BISTURI, 19 fev. 1893). A “lei da rolha”, como era conhecida a política repressiva, foi tamanha, que o semanário chegou a imaginar uma invasão de rolhas que afetariam todos os segmentos da sociedade (BISTURI, 26 fev. 1893).



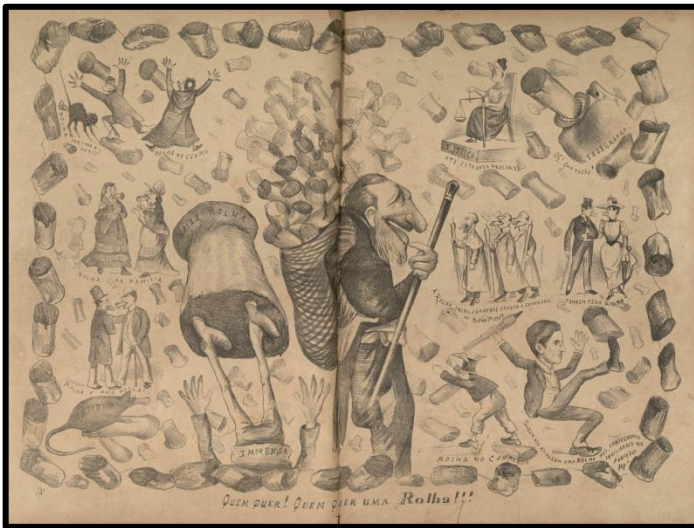
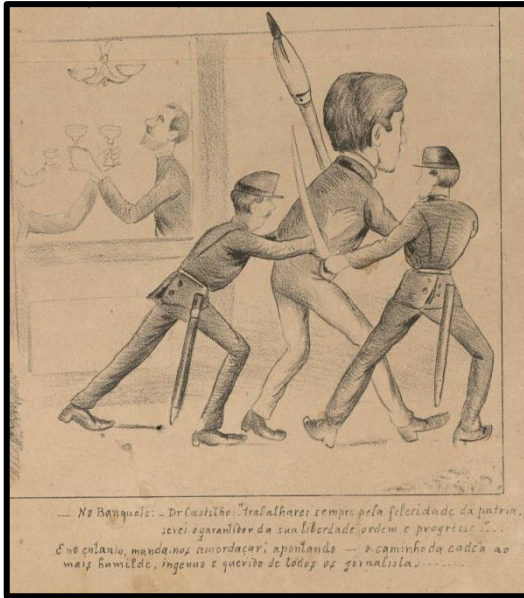
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

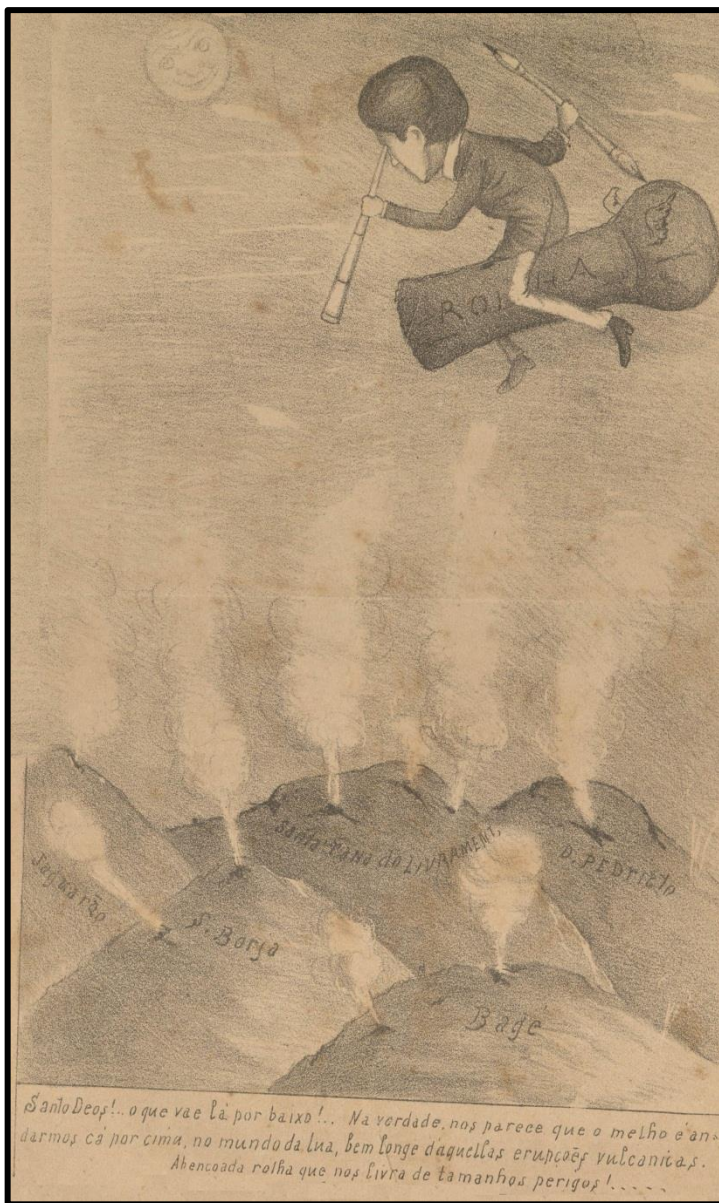


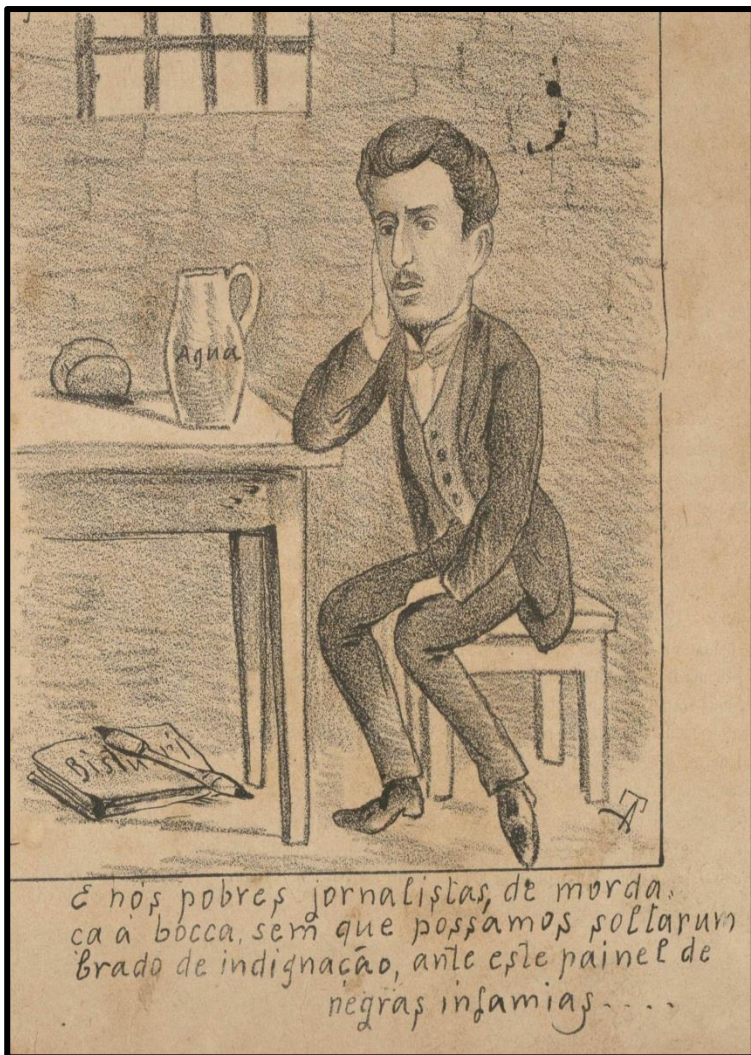
REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



Ainda sobre a presença da rolha, o responsável pelo *Bisturi* utilizava-se figurativamente de um desses objetos, o qual contava com asas, permitindo-lhe voar sobre as regiões conflagradas pela guerra civil, dizendo ele, ironicamente, que era melhor estar “lá por cima, no mundo da lua, bem longe daquelas erupções vulcânicas”, chegando a “abençoar” a “rolha”, que o livrava de “tantos perigos” (BISTURI, 16 abr. 1893). O *Bisturi* chegou a mais uma vez antecipar a prisão de seu proprietário, a qual efetivamente viria a confirmar-se poucos meses depois (30 abr. 1893). Sem perder o humor, o semanário se referia a uma “ascensão jornalística”, pela qual os jornalistas rio-grandinos voavam de balão, observando a conflagração no Rio de Janeiro por meio de lunetas e sem poder aprofundar-se em tal temática (BISTURI, 10 set. 1893). Ainda sobre esses mesmo escritores públicos, eles apareciam pescando em um “mar de rosas de cortiça”, em alusão à lei da rolha (BISTURI, 29 out. 1893); preocupando-se com as modas e “japonizando-se”, por causa do calor e da impossibilidade de tratar dos temas políticos (BISTURI, 19 nov. 1893); ou simplesmente brincando, por “falta de assunto”, em plena manifestação irônica (BISTURI, 10 dez. 1893). Ainda a respeito da falta de liberdade de imprensa, o hebdomadário trazia o bobo da corte, declarando que continuava no “gozo da mais perfeita saúde”, chegando notícias do Rio de Janeiro que nada falavam sobre a revolta e sim sobre o Pão de Açúcar, que não teria mudado de lugar, referindo-se também às “importantes notícias” que não eram transcritas, pois os periódicos haviam sido atacados por “bexigas-negras”, ou seja, as matérias vetadas pela censura governamental (BISTURI, 26 nov. 1893).

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA



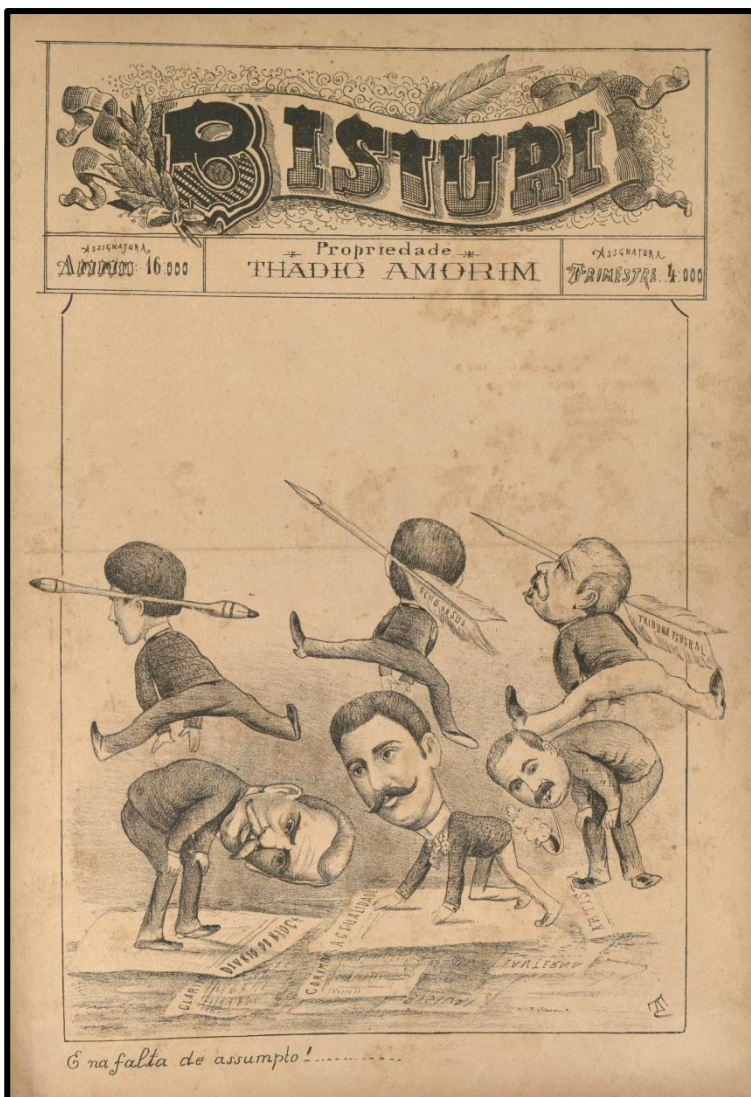


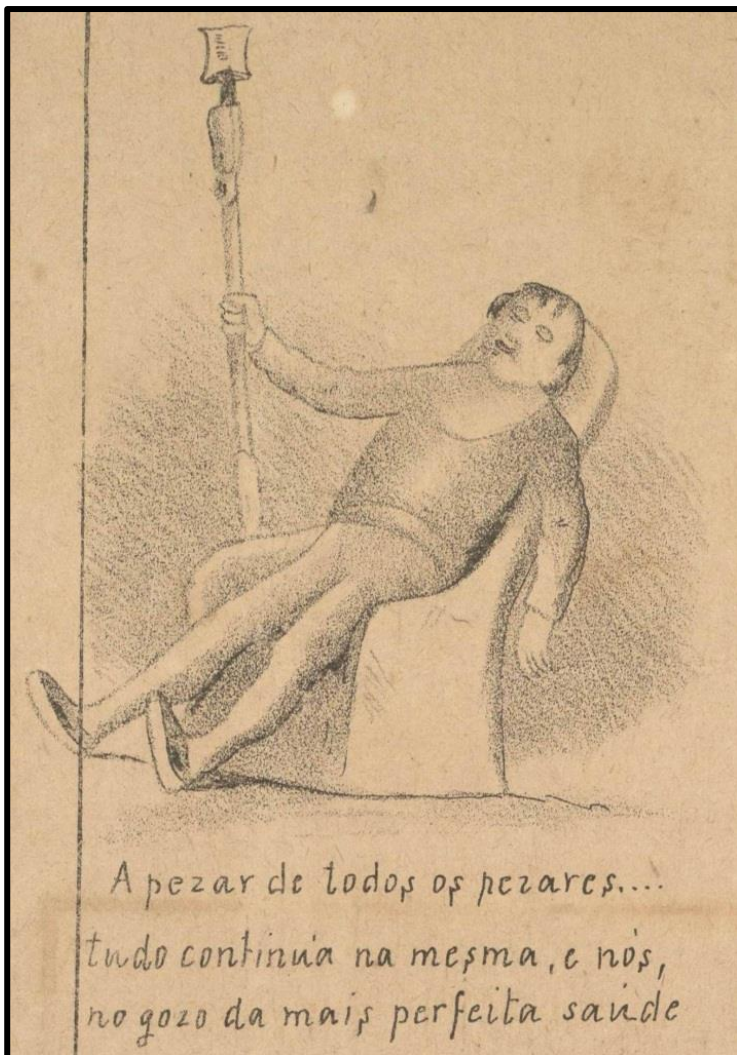
é nós pobres jornalistas, de morda-
ca à bocca, sem que possamos soltar um
brado de indignação, ante este painel de
négras infâmias....

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

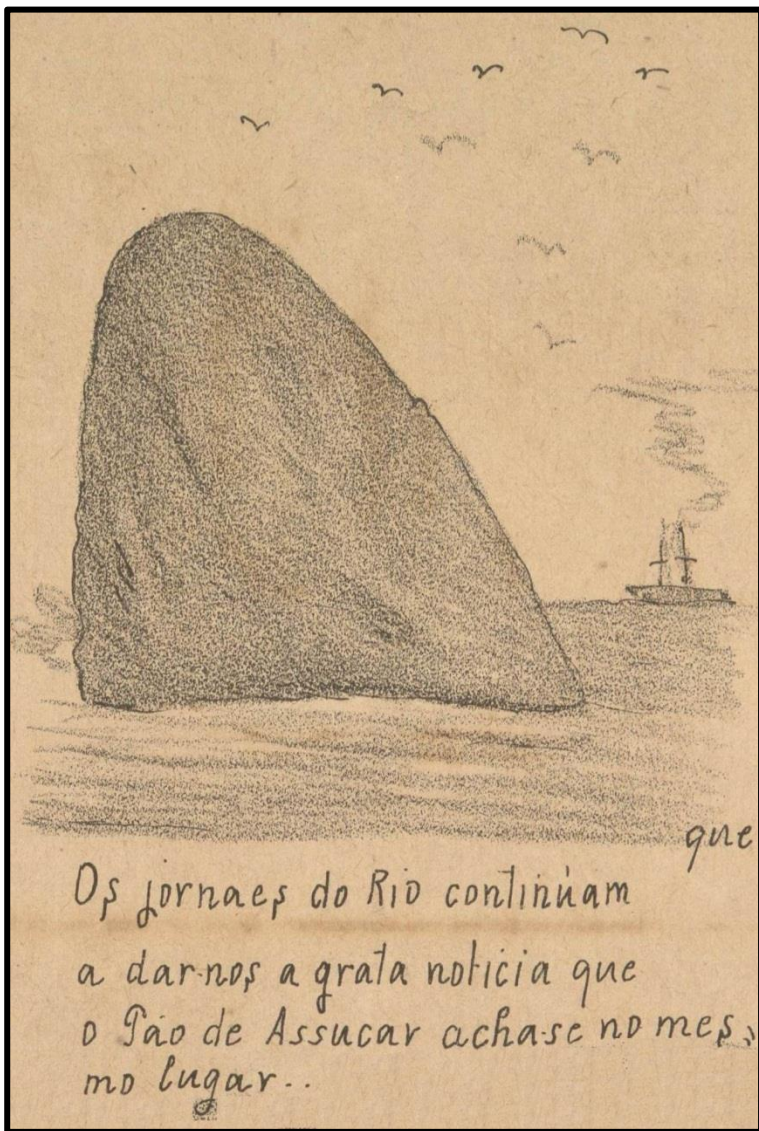


REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS
NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA





Assim o *Bisturi* foi o periódico rio-grandino que mais se utilizou de representações para designar as atividades jornalísticas. À época imperial, teve simpatia pelos liberais, colocando-se na oposição aos conservadores e, com a instalação da nova forma de governo, aceitou-a, fazendo a ressalva de que esperava que ela viesse em nome da liberdade. Como, ao contrário, os primeiros anos republicanos foram marcados por profundo autoritarismo, o semanário colocou-se na oposição aos governantes na esfera federal

REPRESENTAÇÕES DAS ATIVIDADES JORNALÍSTICAS NA IMPRENSA CARICATA RIO-GRANDINA

- Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto -, e ainda mais na estadual, tornando-se não só oposicionista, como se colocando na resistência a Júlio de Castilhos. Manteve a sua essência editorial, não poupando a ninguém da abordagem humorada, crítica e satírica, enquanto lhe foi possível, tendo em vista que a repressão falou mais alto vindo a calá-lo a partir do final de 1893. Nessa linha, enquanto pode, “continuou a palmilhar a senda do dever, castigando com o riso do sarcasmo os vícios de seu tempo”¹⁸, em uma caminhada na qual nem mesmo os promotores das lides jornalísticas deixaram de ser alvo de seu veio criticador.

¹⁸ FERREIRA, 1962. p. 194.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 060340
ISBN: 978-65-5306-034-0